



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
PERNAMBUCO

Campus Recife

Departamento de Ambiente, Saúde e Segurança - DASS

Tecnologia em Gestão Ambiental

ALMIR JOSÉ DOS SANTOS JÚNIOR

**A RELAÇÃO INTERCULTURAL ENTRE O IFPE *CAMPUS* PESQUEIRA E O
POVO XUKURU DO ORORUBÁ**

Recife
2024

ALMIR JOSÉ DOS SANTOS JÚNIOR

**A RELAÇÃO INTERCULTURAL ENTRE O IFPE *CAMPUS* PESQUEIRA E O
POVO XUKURU DO ORORUBÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ambiente, Saúde e Segurança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Moraes Valença

Recife

2024

S237r
2024

Santos Júnior, Almir José dos.

A relação intercultural entre o IFPE Campus Pesqueira e o povo Xukuru do Ororubá.
/ Almir José dos Santos Júnior. --- Recife: O autor, 2024.
59f. il. Color.

TCC (Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de
Pernambuco, 2024.

Inclui Referências.

Orientador: Professora Dr. Marcos Moraes Valença.

1. Ecologia de saberes. 2. Interculturalidade. 3. Povos tradicionais. 4. Povo
Xukuru. I. Título. II. Valença, Marcos Moraes. (orientador). III. Instituto Federal de
Pernambuco.

CDD 306 (21ed.)

ALMIR JOSÉ DOS SANTOS JÚNIOR

**A RELAÇÃO INTERCULTURAL ENTRE O IFPE *CAMPUS* PESQUEIRA E O
POVO XUKURU DO ORORUBÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ambiente, Saúde e Segurança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em Gestão Ambiental.

Trabalho aprovado. Recife, 25 de setembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marcos Moraes Valença
IFPE *Campus* Recife

Examinadora Interna: Prof^a. Me. Emely Albuquerque de Souza

Examinador Externo: Me. Iran Neves Ordonio

Recife
2024

Dedico este trabalho ao povo Xukuru e a qualquer outro povo que, por anos, sofreu e ainda sofre com a desvalorização e inferiorização de sua cultura, seus costumes, valores e de seu estilo de vida. Vocês não estão sós nessa luta.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso só se tornou possível pela ajuda, colaboração e compreensão de algumas pessoas, dentre as quais agradeço:

Ao meu Deus, por ter me dado força, coragem, determinação, saúde, paciência e sabedoria para construir e concluir este trabalho, sem ele eu não estaria aqui.

Ao meu professor orientador, Marcos Moraes Valença, que primeiramente, aceitou me orientar neste processo longo e desgastante, e segundo, porque dedicou uma parte de seu tempo para me orientar, acreditando bastante no meu potencial.

Aos professores do curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental, que me proporcionaram os conhecimentos necessários e adequados para que hoje pudesse estar concluindo este trabalho, alcançando minha titulação.

Aos meus pais que sempre apoiaram minhas decisões, nunca se opondo às minhas escolhas, motivando-me a correr atrás dos meus objetivos.

Ao meu namorado que sempre esteve do meu lado, me apoiando, me ouvindo, e me incentivando a seguir em frente.

Aos meus amigos que sempre me incentivaram e entenderam os motivos da minha ausência em momentos de encontro.

A minha irmã de alma, Shirley de Lima Ramos, que sempre esteve do meu lado lutando em conjunto, unindo forças para o alcance dos nossos objetivos.

E, por último, não menos importante, ao IFPE *CAMPUS* RECIFE, que para mim sempre foi e sempre será uma ótima instituição de ensino. Uma instituição de referência que acolhe os seus. A instituição que me proporcionou conforto estrutural e acesso a uma educação de qualidade.

“Imaginando o mundo de meus netos e netas...

A tarefa não está cumprida.

Acaba de começar.

Na verdade, estará sempre começando...”

Alberto Acosta

RESUMO

As instituições de Educação Superior são espaços possíveis de promover a interculturalidade, reconhecendo a diversidade de culturas existentes no mundo, assim, torna-se necessário haver discussões que tragam uma possível valorização aos saberes e estilos de vida dos povos tradicionais. Neste processo investigativo, além de trazer a teoria da interculturalidade, é trabalhado também os conceitos de Bem Viver e Ecologia de Saberes, em que o primeiro, nascido dos povos indígenas, traz uma visão alternativa de vida e desenvolvimento (Acosta, 2016), e o segundo, defende a necessidade de haver discussões e troca de conhecimentos e saberes entre povos e culturas diversas (Santos, 2008). Dessa forma, este trabalho de investigação buscou compreender a relação intercultural entre o IFPE Campus Pesqueira e o povo Xukuru do Ororubá sob a lógica da perspectiva de um egresso graduado, professor do município e indígena Xukuru. Para obtenção dos resultados, primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica em busca de uma base teórica, e segundo, foi realizada uma entrevista com o sujeito desta investigação com método de entrevista semiestruturada e uma perspectiva da metodologia de História de Vida, que dá ao entrevistado total liberdade de expor seus pensamentos e conhecimentos como achar importante. Como resultado, constatou-se, através do ponto de vista do sujeito, que o Instituto Federal de Pesqueira pode ser considerado uma instituição que abre espaço de fala, promove a interculturalidade junto com os povos originários e caminha para uma possível descolonização de seu saber/conhecimento e de sua base educacional.

Palavras-chave: interculturalidade; povo xukuru; povos tradicionais; bem viver; ecologia de saberes; espaço de tradução; educação superior; universidade.

ABSTRACT

Higher Education institutions are possible spaces to promote interculturality, recognizing the diversity of cultures existing in the world, therefore, it is necessary to have discussions that bring possible appreciation to the knowledge and lifestyles of traditional peoples. In this investigative process, in addition to bringing the theory of interculturality, the concepts of Good Living and Ecology of Knowledge are also worked on, in which the first, born from indigenous peoples, brings an alternative vision of life and development (Acosta, 2016), and the second, defends the need for discussions and exchange of knowledge between different people and cultures (Santos, 2008). Thus, this research work sought to understand the intercultural relationship between the IFPE Campus Pesqueira and the Xukuru people of Ororubá from the perspective of a graduate, teacher from the municipality and Xukuru indigenous person. To obtain the results, firstly, a bibliographical research was carried out in search of a theoretical basis, and secondly, an interview was carried out with the subject of this investigation using a semi-structured interview method and a perspective of the Life History methodology, which gives the interviewee a total freedom to express your thoughts and knowledge as you see fit. As a result, it was found, through the subject's point of view, that the Federal Fisheries Institute can be considered an institution that opens up space for speech, promotes interculturality together with original peoples and moves towards a possible decolonization of their know/knowledge and its educational base.

Keywords: interculturality; xukuru people; traditional peoples; good living; ecology of knowledge; translation space; college education; university.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Município de Pesqueira/Pe.....	34
Quadro 1 - Referente à pergunta de número 1.....	38
Quadro 2 - Referente à pergunta de número 2.....	39
Quadro 3 - Referente à pergunta de número 3.....	40
Quadro 4 - Referente à pergunta de número 4.....	41
Quadro 5 - Referente à pergunta de número 5.....	42
Quadro 6 - Referente à pergunta de número 6.....	43
Quadro 7 - Referente à pergunta de número 7.....	44
Quadro 8 - Referente à pergunta de número 8.....	45
Quadro 9 - Referente à pergunta de número 9.....	46
Quadro 10 - Referente à pergunta de número 10.....	47
Quadro 11 - Referente à pergunta de número 11.....	48
Quadro 12 - Referente à pergunta de número 12.....	48
Quadro 13 - Referente à pergunta de número 13.....	49
Quadro 14 - Referente à pergunta de número 14.....	50
Quadro 15 - Referente à pergunta de número 15.....	51
Quadro 16 - Referente à pergunta de número 16.....	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 OBJETIVOS.....	15
2.1 Objetivo Geral.....	15
2.2 Objetivos Específicos.....	15
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3.1 Povo Xukuru – uma história marcada por luta e resistência.....	21
3.2 O Bem Viver – um estilo de vida alternativo?.....	23
3.3 A Ecologia de Saberes – a dialogicidade entre os diversos povos e conhecimentos.....	28
4 METODOLOGIA.....	34
4.1 Caracterização da Área.....	34
4.2 Caracterização do Povo Xukuru do Ororubá.....	35
4.3 Métodos Utilizados.....	36
5 RESULTADOS E ANÁLISE.....	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

As instituições de ensino superior brasileiras são um ambiente repleto de diversidade cultural. Por estarem inseridas nesse contexto, tornam-se espaços que cativam características culturais globais, multinacionais, locais e, a partir disso, novos desafios vão surgindo (Clemente e Morosini, 2019).

A diversidade cultural, juntamente com mobilidade das populações e relações interculturais, é de maior importância no contexto deste mundo globalizado, estão no centro da preocupação da maior parte dos Estados, colocando grandes desafios para a sociedade e para as estratégias e políticas nos diversos setores. Isto constitui um importante fator de mudança no contexto nacional e internacional, no individual e também no grupal (Ramos, 2007).

Decorrente dessa diversidade de culturas existentes no ambiente acadêmico, torna-se mais que necessário haver discussões que tragam uma possível valorização para a cultura, juntamente com os saberes e estilos de vida dos povos tradicionais. Este debate entre as distintas culturas recebe o nome de interculturalidade, um conceito que possui muitas definições, mas que para Catherine Walsh, nada mais é que:

[...] um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. Uma tarefa social e política que interpela o conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. Uma meta a alcançar (Catherine Walsh, 2001 *apud* Candau, 2008).

O conceito de interculturalidade está centralizado na reconstrução/construção de um pensamento crítico, precisamente por três razões principais: primeiro, porque é um conceito vivo e que foi pensado desde a colonialidade, partindo da história de vida dos povos subalternizados; segundo, porque se distancia dos legados eurocêntricos ou ocidentais e; em terceiro, porque tem sua origem no Sul, realizando assim uma volta na geopolítica dominante do conhecimento centralizado no norte global (Walsh, 2005 *apud* Candau, 2008).

No debate sobre a interculturalidade, Paulo Freire chama a atenção para a importância das relações entre as diversas culturas, não se restringindo apenas à compreensão da cultura do outro. O importante é a compreensão da relação entre as culturas. A verdade não está nem na cultura de cá e nem na cultura de lá, a verdade é subjetiva, é do ponto de vista da minha compreensão dela, ou seja, está na relação entre as duas (Freire, 2004 *apud* Oliveira, 2012).

Segundo Oliveira (2012), a interculturalidade de Paulo Freire se refere não apenas a compreensão de que existe uma diversidade de culturas diferentes e que há tensões entre elas, mas, sobretudo, a valorização das relações interculturais, o que pressupõe a dialogicidade e a eticidade. Relações de respeito que se direcionem em uma síntese cultural, viabilizando a dinâmica criadora do processo de produção.

A interculturalidade problematiza a estrutura social vigente salientando as relações de poder; possui como ponto de partida indivíduos que são, historicamente, invisibilizados e subalternizados; preocupa-se com práticas de desumanização e exclusão social e cultural, onde se privilegia uns sobre outros; naturalizam as diferenças e ocultam a desigualdade social e tem suas raízes firmadas em discussões políticas desenvolvidas pelos movimentos sociais (Walsh, 2009 *apud* Oliveira, 2012).

Nesse contexto, as universidades se apresentam com um papel importantíssimo na formação de cidadãos. Ela pode ser considerada, de acordo com Valença (2014), um possível espaço de tradução, ou seja, um espaço onde se materializa o diálogo entre as distintas culturas, promovendo, assim, um debate intercultural importantíssimo para esses povos subalternizados por mais de 6 (seis) séculos, pois permite com que eles mostrem sua cultura, seus saberes e estilos de vida, trazendo uma possível valorização tanto para os povos tradicionais, há muito inferiorizados, como para a base epistemológica da academia.

Dessa forma, o IFPE *Campus* Pesqueira foi escolhido para esta pesquisa por ser considerado a instituição federal de ensino pernambucana com o maior quantitativo de estudantes indígenas matriculados em todos os cursos e modalidades. Vizinha, geograficamente, do povo Xukuru do Ororubá, vem se destacando por estar materializando um diálogo intercultural com esses sujeitos, histórica e socialmente marginalizados. Um povo detentor de saberes tradicionais: Bem Viver.

A escolha de Vilmar Leandro de Santana, graduado no curso de Licenciatura em Física pelo Instituto Federal do campus Pesqueira, professor e indígena Xukuru, como sujeito desta pesquisa, se dá pelo fato dele pertencer aos povos originários, detentores de outros saberes e da cultura do povo Xukuru de Ororubá.

Reforçando a sua importância, Vilmar Santana ainda trabalhou em conjunto com a Secretaria de Educação do município de Pesqueira em diversos projetos, dos quais destaco o projeto “Somos Todos Indígenas”, o que afirma a importância e a necessidade para o próprio povo de se considerar e firmar sua identidade indígena em uma sociedade formada, em sua totalidade, por povos eurocentrizados.

O mundo em que vivemos está preenchido por povos e culturas diversificadas, dessa forma, esta pesquisa se justifica no atual contexto por justamente estarmos inseridos em uma sociedade formada por diferentes identidades culturais, onde cada integrante possui sua particularidade e sua especificidade, que devem ser respeitadas com suas diferenças. Favorecendo assim, de acordo com Romani e Rajobac (2011) a interação e inter-relação entre os sujeitos de todas as culturas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender a relação intercultural entre o IFPE Campus Pesqueira e o povo Xukuru do Ororubá.

2.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar o povo xukuru do Ororubá da região de Pesqueira/PE, juntamente com o seu estilo de vida, o Bem Viver;
- Compreender a história de vida de Vilmar Santana e os saberes dos Xukuru;
- Analisar a possibilidade da interculturalidade entre a cultura da academia e a cultura dos povos originários através da perspectiva do graduado.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ciência moderna ou mesmo o saber científico ocidental é reconhecido pela sociedade eurocêntrica como sendo o detentor de toda a verdade; conhecimento absoluto e superior aos demais existentes. Contemporaneamente esse conhecimento ainda se faz presente por justamente existir uma hierarquização e consequente subalternização de grupos socialmente marginalizados juntamente com os seus saberes, e a permanência desse processo de inferiorização se faz devido ao que recebe o nome de colonialidade (Valença, 2014).

O mundo atual, planejado e regido por homem branco, europeu, cristão e heterossexual, vem, a mais de seis séculos, hierarquizando e inferiorizando seres, culturas, ações e saberes (Valença, 2014).

Partindo dessa linha de pensamento, surge a necessidade de visibilizar espaços de fala para essa parcela da população, espaços esses onde o subalterno pode mostrar seu saber, sua crença, cultura e seu estilo de vida, espaço esse onde pode-se haver o encontro entre as distintas culturas e a promoção de um diálogo intercultural.

Destaca-se com isso a sociologia das ausências e a sociologia das emergências conceituadas pelo pensador Boaventura de Sousa Santos (2008). Quando o autor trata de sociologia das ausências e das emergências, faz uma discussão sobre a produção social da não existência e alternativas contra-hegemônicas. Na Sociologia das Ausências têm-se a discussão de formas, estratégias, práticas e dispositivos de invisibilização social. Na Sociologia das Emergências se discute a respeito de práticas sociais alternativas e epistemologias que visem a emancipação social (Santos, 2008).

O objetivo da sociologia das ausências, de acordo com o referido autor, é realizar uma transformação de objetos impossíveis em possíveis e através deles transformar as ausências em presenças (Santos, 2008).

[...] Consiste em demonstrar a produção da não existência, ou seja, demonstrar que o que não existe na verdade é produzido como não existente, como explica Boaventura Santos (2008): há produção da não existência toda vez que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível. (p. 102). (Santos, 2008 *apud* Gomes, 2017).

De acordo com Valença (2014), as universidades podem ser consideradas um desses espaços de encontro intercultural e de diálogo e são fundamentais para a geração de uma possível emancipação social. Ainda salienta que, segundo Paulo Freire, a efetivação deste diálogo só se torna possível com atos de humanidade, em uma relação entre seres humanos que buscam saber mais.

Boaventura de Sousa Santos acredita que essa emancipação social é uma ação que visa desnaturalizar a opressão, ou seja, mostrar que a mesma, além de injusta, não é necessária e muito menos irreversível, e concebê-la com as proporções em que pode ser combatida com recursos à mão (Santos, 2008 *apud* Valença, 2014).

Decorrente dessa pluralidade de conhecimentos e saberes existentes e da importância de se haver diálogos interculturais tanto no meio externo quanto no campo da academia, surge um conceito importantíssimo que defende o debate entre culturas diversificadas, a Ecologia de Saberes. De acordo com Valença (2014), baseando-se em Santos, a ecologia de saberes recebe esse nome por reconhecer a pluralidade de saberes heterogêneos, destacando ainda a autonomia de cada saber e a articulação existente. Ou seja, é a compreensão de que há uma diversidade de saberes, muitos deles subalternizados, que devem ser valorizados e visibilizados. De acordo com o autor, compreender a ecologia de saberes é entender que todo conhecimento é parcial e situado, e entender que estamos integrados em um mundo de pluralidades e diversidade epistemológica.

O que a ecologia de saberes combate são as hierarquias e poderes universais e abstratos, naturalizados pela história e por epistemologias reducionistas. Há, portanto, uma inter-relação e uma interdependência entre os saberes; assim, Boaventura de Sousa Santos afirma que o conhecimento é interconhecimento, reconhecimento e autoconhecimento (Santos, 2006 *apud* Valença, 2014).

Através desse reconhecimento da diversidade epistemológica, tem-se a geração de uma justiça cognitiva e conseqüentemente, justiça social. Para a pesquisadora Maria Paula Meneses a justiça cognitiva foca exatamente na busca de um tratamento igualitário entre todas as formas de saberes e dos que dela participam, abrindo a academia à diversidade epistemológica do mundo (Meneses, 2009).

A nossa entrada no século 21 nos requer uma análise mais apurada, que se torne visíveis alternativas epistêmicas. Um dos elementos mais desafiadores é a própria base estrutural da academia, ou seja, a base disciplinar fundamentada no conhecimento moderno (Meneses, 2009).

As disciplinas académicas simbolizam uma divisão de saberes, uma estrutura organizativa que procura gerir e tornar compreensível e ordenado o campo do saber, ao mesmo tempo que o controla, endossando e justificando desigualdades entre saberes e gerando outras formas de opressão, que perpetuam a divisão abissal da realidade social (Santos, 2007 *apud* Meneses, 2009).

A promoção da justiça cognitiva só se torna possível com a substituição da monocultura do saber científico pelo alargamento dos saberes e das experiências. Boaventura acredita que esse alargamento epistemológico à diversidade, ou seja, as epistemologias do Sul podem desencadear a revelação dos outros saberes, e também a promoção de um diálogo entre estes, podendo garantir “igualdade de oportunidades” aos diversos conhecimentos que estão em uma disputa epistemológica cada vez mais ampla e desafiadora, tendo como objetivo a maximização da contribuição de cada saber na construção de uma sociedade mais justa e democrática e, ainda, mais equilibrada na sua relação com a natureza. Isso não se refere a apenas uma atribuição de igual validade a todos os conhecimentos, mas de promover um debate pragmático entre os critérios alternativos de validade que não desqualifique tudo o que não cabe nos preceitos da ciência moderna (Santos *et al.*, 2005 *apud* Meneses, 2009).

Em concordância com as considerações realizadas pela pesquisadora Inês Barbosa de Oliveira, no tocante ao debate sobre a revalorização social dos saberes, onde a qual defende que não existe apenas o saber científico, mas, também, os não-científicos, e que eles são diversos, e juntos formam o conhecimento-emancipação, Valença (2014) complementa ao inferir que a universidade tem o papel de produzir a democratização dos saberes, através da promoção de um diálogo sistemático com os saberes não acadêmicos, viabilizando a ecologia dos saberes.

Haja visto o ganho que as universidades têm com a promoção do diálogo intercultural dentro de suas dependências. O encontro e debate entre o conhecimento da ciência moderna e os conhecimentos tradicionais subalternizados

pela história, pode gerar um enriquecimento da base epistemológica da academia. E indo ao encontro com o pensamento do estudioso Boaventura de Sousa Santos, esse diálogo só se torna possível com a participação dos dois lados da linha, o lado de cá, que inferioriza, e o lado de lá, que é marginalizado e desapropriado de direitos.

Esse debate intercultural possui vastas definições e abordagens, onde diversos pesquisadores expõem suas considerações sobre o assunto e a importância desse fator para o campo acadêmico.

Segundo Romani e Rajobac (2011) o próprio conceito de interculturalidade já expõe a complexidade que é trabalhar e debater sobre este assunto. Antes de discutir sobre etnia, raça, cor, gênero e temas relacionados, devemos mudar a maneira como vemos o mundo; o que exige para isso a suspensão de nossos preconceitos, e a compreensão das diferenças e identidades culturais de cada povo que nos cerca.

Isso se justifica pelo fato de o mundo “poder ser comparado a um mosaico ou a uma tapeçaria composta de múltiplas contribuições culturais, em que cada uma contribui para o significado e a beleza do conjunto” (Hepburn, 2005 *apud* Romani e Rajobac, 2011).

Um estilo de vida diferente do vivido ocidentalmente e que foge dos preceitos do modo de desenvolvimento capitalista da sociedade eurocêntrica, é o Bem Viver, que segundo o pesquisador Acosta:

É uma oportunidade para construir coletivamente novas formas de vida. Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida (Acosta, 2016).

Este estilo alternativo de vida é vivido e defendido pelo povo Xukuru do Ororubá, detentores de grandes conhecimentos considerados importantes para a base epistemológica da sociedade atual.

Para Airton Krenak (2019), Acosta (2016) e Valença (2014) a relação que os povos tradicionais, em especial, o povo Xukuru do Ororubá, tem com a natureza, é uma relação de harmonia, de afeto e do sagrado. Uma relação onde a natureza é

considerada parte da família, é considerada mãe, parte integrante da vida em sociedade.

Decorrente de todo avanço tecnológico e da ciência ao longo dos anos, e consequente desvalorização dos saberes tradicionais milenares dos povos subalternizados pela sociedade eurocêntrica, fez com que muitos sujeitos de aldeias indígenas saíssem de seus locais de origem, adentrando neste mundo globalizado.

Esta entrada dos povos tradicionais na academia tem como objetivo a busca pelo conhecimento da ciência moderna para utilizá-la em prol do enriquecimento de seus saberes tradicionais, reforçando a ideia de que a ciência moderna deve estar em comunhão com os saberes tradicionais e não dissociada. E estando inseridos em instituições de ensino superior eurocêntricas, sentem muitas vezes que seus saberes e experiências não são considerados, como afirma Meneses (2009), “[...] formas compreensíveis ou relevantes de ser e estar no mundo; declarados como reminiscências do passado, são condenados ao inevitável olvido ou a serem processados pelo saber científico dominante”.

Por outro lado, a academia também necessita desses saberes tradicionais que sofreram, através dos epistemicídios, a desvalorização de sua cultura. A prática da interculturalidade no meio acadêmico poderá proporcionar o enriquecimento de sua base epistemológica. A partir do momento em que essa interação entre o saber popular e o formal é realizada, há uma formação de profissionais com uma visão mais crítica do meio em que vive, podendo intervir e buscar soluções mais adequadas para problemas encontrados no entorno.

Dessa forma, vislumbro a necessidade para que esses povos, há tanto inferiorizados socialmente, tenham seu espaço de fala e tenham suas culturas, seus saberes, e seu estilo de vida, reconhecidos e valorizados.

A justiça cognitiva, enquanto nova gramática global, contra-hegemônica, reclama, acima de tudo, a urgência da visibilidade de outras formas de conhecer e experimentar o mundo, especialmente dos saberes marginalizados e subalternizados (Meneses, 2009, p. 231 – 236).

Um contato, ainda que de forma superficial, dar-se-á entender que a interculturalidade vai atrás da harmonia na convivência entre distintas culturas, podendo excluir ou minimizar conflitos, na medida em que uma cultura “tolere” a outra. Contudo, não há pretensão de se desenvolver tolerância, pois esta, possui significado de suportar ou mesmo aguentar, sendo que essa não é uma relação de

igualdade e sim, de superioridade de uma cultura sobre outra. O que se pretende alcançar com a interculturalidade é o desenvolvimento de relacionamentos cooperativos entre as diferentes culturas que nos cercam, em que sejam mantidas e respeitadas as identidades culturais. A interculturalidade não busca hegemonia, e sim, o reconhecimento da diversidade. Os conflitos existentes vão permanecer em nome da democracia, mas, em condições de igualdade, onde as diferenças não se sujeitem a preconceitos e discriminações (Vieira, 2001 *apud* Romani e Rajobac, 2011).

3.1 Povo Xukuru – uma história marcada por luta e resistência

Os Xukuru são um grupo de indígenas brasileiros que habita a Serra do Ororubá, no município de Pesqueira e Poção, no estado de Pernambuco (Unicap, 2023). Estão a cerca de 215 km da cidade do Recife, no Agreste do Semiárido pernambucano (Silva, 2018).

O município de Pesqueira tem sua origem no aldeamento do povo Xukuru. Com o passar do tempo, a terra onde viviam os Xukuru foi sendo ocupada por arrendatários que os expulsavam de suas terras. No ano de 1850, com a promulgação da Lei de Terras, foi solicitado pelas autoridades locais ao governo da província o fim do aldeamento, alegando que os índios já eram caboclos. Em 1879, o aldeamento foi extinto oficialmente. Mesmo com o fim do aldeamento, os Xukuru continuaram com a prática de seus cultos religiosos, ainda que proibidos (Unicap, 2023).

A história do povo Xukuru é marcada por conflitos envolvendo a posse de terras. Com o fim oficial do aldeamento ocorrido em 1879, os indígenas se dispersaram e buscaram abrigo em outros ex-aldeamentos, nas periferias das cidades ou se refugiaram em locais de difícil acesso. Uma pequena parcela ainda permaneceu no local trabalhando para os fazendeiros que obtiveram a posse da terra (Unicap, 2023).

Com a criação do Serviço de Proteção ao Índio, houve, em 1954, a instalação de um posto na Serra do Ororubá, e a partir disso os Xukuru buscaram o seu reconhecimento pelo Estado. No entanto, os conflitos com os fazendeiros e posseiros permanecia, pois, a única política do então órgão indigenista era

assegurar aos índios pequenos pedaços de terras cercadas por não-índios (Unicap, 2023).

O reconhecimento do direito ao usufruto da terra tradicionalmente ocupada pelos Xukuru só ocorreu com a promulgação da Constituição de 1988. Após esse feito histórico e marcante na história deste povo, liderados pelo cacique Chicão, eles se reorganizaram em torno da terra reconquistada (Unicap, 2023). Contudo, mesmo com o direito assegurado por lei, em 1998 o cacique Chicão foi assassinado, reafirmando a luta secular e os conflitos que rodeiam esse povo tão severamente perseguido.

Após a morte do cacique Chicão, o seu filho Marcos Luidson de Araújo assume, aos 21 anos de idade, a liderança de seu povo. Como líder, escolhido e apresentado pelos “Encantados” se dedicou ao projeto de vida de seu povo, estabilizando sua liderança e promovendo reconhecimento nacional e internacional, em prol da defesa dos direitos humanos. Mais à frente, o cacique Marcos foi eleito prefeito do município de Pesqueira-Pe, pelo partido Republicanos, com 51,60% dos votos. No entanto, apesar da vitória, o cacique teve sua candidatura cassada pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE - PE), por ter sido condenado em um processo por crime contra o patrimônio privado¹ (Miranda, 2020).

Após três anos da morte do Cacique Chicão, ocorreu, em 2001, na aldeia Pedra D’Água, a primeira Assembleia Xukuru. Esta assembleia constitui-se como um espaço/tempo de formação do(a) guerreiro(a) Xukuru, é um lugar para se pensar no projeto de vida e de futuro do povo. Um espaço onde a Educação é forjada e onde se evidencia relações de poder e tomadas de decisão (Oliveira, 2021). “É a expressividade da interculturalidade crítica, uma vez que se constitui na forma de um encontro que congrega outros povos e movimentos sociais; ou seja, é um movimento aberto à sociedade (Oliveira, 2021)”.

Este espaço é responsável por reunir pessoas de todas as aldeias do povo, o que permite avaliar as vivências e traçar metas. Antes da Assembleia, propriamente dita, ocorre a pré-assembleia, onde acontecem discussões nas comunidades e entre

¹ Referente ao indeferimento da candidatura do Cacique Marcos Luidson, o jurídico de sua candidatura entrou com recurso junto ao TSE em Brasília (NE10 Interior, 2020). Mais a frente, o STJ acolheu o recurso e reconheceu o cacique Marcos como vítima de erro judiciário em processo criminal que terminou com a perda dos direitos políticos. A decisão foi falha porque se apoderou de depoimentos de indivíduos que tinham interesse na condenação, informa a defesa do cacique (G1 Caruaru, 2023).

os membros dos conselhos. Isso possibilita o levantamento de informações a respeito de dificuldades, desafios e propostas a serem discutidas na Assembleia (Xukuru, 2005b *apud* Oliveira, 2021). Nesta assembleia, todos os indivíduos presentes podem falar, ouvir e sugerir ações e iniciativas de como o território pode ser administrado.

Dessa forma, a Assembleia pode ser considerada um convite para a desconstrução da relação hierárquica existente entre os diversos conhecimentos. Como já foi discutido, anteriormente, essa hierarquização é fruto do processo de um período marcante e ainda presente na atualidade, a colonização. Segundo a autora, o processo de invasão e colonização dos povos indígenas se dá, muitas vezes, pela utilização da escola como instrumento para contribuir com o projeto de modernidade/colonialidade (Oliveira, 2021).

Para realizar a desconstrução desse estigma hierárquico se faz necessário pensar, segundo a autora, em uma desobediência epistêmica, ou seja, possibilitar que os conhecimentos, até outrora subalternizados, dialoguem com os conhecimentos ditos por superiores e, através disso, ambos se encontrem no mesmo patamar de valorização, sem que um se sobreponha ao outro (Oliveira, 2021).

Com a necessidade de se fortalecer a cultura, os conhecimentos e saberes dos povos indígenas, surgiu a necessidade de haver escolas que trabalhassem os conhecimentos tradicionais da comunidade. Para isso, Oliveira (2021) fala da Pedagogia das escolas Xukuru, uma pedagogia própria do povo, que passa por um universo simbólico e que orienta a prática.

Essa Pedagogia é orientada pela Natureza Sagrada que determina como deve acontecer a educação escolar Xukuru no diálogo com a pedagogia Xukuru, pois a escola é parte da vida do povo, ao mesmo tempo em que a comunidade é parte da escola. Por isso, a pedagogia da escola está intimamente ligada à pedagogia do povo, e é nessa relação que nasce a Pedagogia das Escolas Xukuru (Oliveira, 2021).

3.2 O Bem Viver – um estilo de vida alternativo?

Com sua proposta de harmonia com a Natureza, reciprocidade, relacionalidade, complementariedade e solidariedade entre indivíduos e comunidades, com sua oposição ao conceito de acumulação perpétua, com

seu regresso a valores de uso, o Bem Viver, uma ideia em construção, livre de preconceitos, abre as portas para a formulação de visões alternativas de vida (Acosta, 2016).

Alberto Acosta afirma que o Bem Viver deve ser considerado parte de uma longa busca de alternativas de vida forjada no calor das lutas populares, particularmente dos povos e nacionalidades indígenas. Pode ser considerado um novo estilo de vida, onde possui uma cosmovisão diferente da ocidental. Esta proposta reivindica o passado e o presente dos povos e nacionalidades indígenas (Acosta, 2016).

O Bem Viver é uma proposta de luta que enfrenta a colonialidade do poder². Pode ser considerado um detonante da alienação de uma grande maioria dos seres humanos. O Bem Viver, que surge de visões utópicas, está presente de diversas maneiras na realidade do ainda vigente sistema capitalista e se nutre da necessidade de impulsionar uma vida harmônica do ser humano com a natureza e com os demais povos. Posiciona-se como ponto de partida para estabelecer democraticamente sociedades sustentáveis (Acosta, 2016).

Os diversos povos que permeiam na sociedade com sua cultura e seus costumes e valores particulares, são, por muitos, postos à margem da sociedade. Os povos originários que possuem uma cosmovisão de mundo diferente da ocidental, a crença em um Deus ou Deuses considerados por muitos um mito, e um estilo de vida que vai de contra ao estilo de vida predominante nesta sociedade do século 21, sofrem com a desvalorização e com a segregação produzidas por esta sociedade hegemônica.

A cosmologia do povo Xukuru, por exemplo, constitui um dos aspectos mais importantes quando se trata da relação travada com o sagrado. A crença na natureza sagrada sustenta os seus rituais, chamados pelos mesmos de “pajelança”, nas matas, nos lajedos e nos olhos d’águas, locais considerados espaços onde os caboclos e encantados estão naturalmente presentes. O ritual da pajelança pode ser

² Segundo Quijano (2005), a Colonialidade do Poder trata-se da constituição de um poder mundial capitalista, moderno, colonial e eurocentrado cujo um dos eixos fundamentais desse padrão é a classificação da sociedade mundial a partir da ideia de raça, que segundo Maia e Melo (2020) foi imaginada para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores. Segundo Quijano (2005), esse eixo tem origem e caráter colonial e se mostrou mais forte que o próprio colonialismo em cuja matriz foi estabelecida.

realizado a partir de vários motivos, desde a cura de alguma enfermidade até a confirmação de alguma liderança política (Neves e Fialho, 2021).

Além dessa importante relação dos Xukuru com as pedras, à crença na ancestralidade da natureza sagrada. Esta crença se manifesta a partir de um conjunto de divindades recordadas por canções entoadas nos festivais. Nestas festividades, Reis encantados como Orubá, Canaã e Jericó são evocados, da mesma forma que louvores ao Pai Tupã, à Mãe Tamain e ao Senhor São João. Desse grupo de divindades, destaca-se a Mãe Tamain, chamada pelos Xukuru de Nossa Senhora das Montanhas, o que reforça o pressuposto de que os indígenas consideram a natureza como parte da família (Neves e Fialho, 2021).

Esse modo de vida, essa cosmovisão do povo Xukuru, é por muitos subalternizado, inferiorizado e discriminado, por não ir de acordo com os preceitos “normativos” da atualidade, ou seja, do que é considerado “normal” pela sociedade moderna.

Devido a essa crescente discriminação e marginalização de povos e culturas que não caminham a favor do sistema de desenvolvimento capitalista, o debate acerca de um possível estilo de vida ou desenvolvimento alternativo, e os movimentos sociais que reivindicam a valorização de povos e culturas subalternizados por séculos, cresce a cada ano. Um evento importantíssimo acerca dessa temática é o Fórum Social Mundial - evento organizado por movimentos sociais de diversos continentes objetivando elaborar alternativas para uma transformação social global (Pena, 2022). Esse Fórum Sugere discutir alternativas de um novo modelo civilizatório baseado no Bem Viver, com o objetivo de reconsiderar as relações com a natureza e que vai contra ao consumismo exacerbado (Coraggio e Laville, 2014 *apud* Alcantara e Sampaio, 2017).

A distribuição e classificação da sociedade em ranques e patamares, lugares e papéis sociais, se configuram a partir do capitalismo, da cultura e da produção do conhecimento sob os preceitos da hegemonia ocidental caracterizada como eurocentrismo (Walsh, 2005 *apud* Alcantara e Sampaio, 2017). Essa forma de caracterização hegemônica vem colonizando e dominando formas de saberes e conhecimentos concretos alternativos à filosofia e à teologia.

Embora essa situação de dominação e exploração perdure por séculos, diversos povos conseguiram sobreviver e caminham de encontro a modelos de vida alternativos ao modelo dominante. Com isso, se faz necessário descolonizar a partir

de estratégias que vão além da transformação de apenas deixar de ser colonizado, mas que busque uma transição, superação e emancipação por meio de alternativas (Walsh, 2005 *apud* Alcantara e Sampaio, 2017).

Um exemplo desta ação encontramos nos países Equador e Bolívia, que buscaram novos paradigmas socioeconômicos na construção de um projeto de sociedade, onde o qual foi designado como Bem Viver, o que ganhou importância devido à elaboração de novas constituições políticas. Neste contexto, diversos movimentos sociais envolvendo temas como ecologia e feminismo, por exemplo, recuperaram suas forças e sua centralidade na vida das pessoas e na natureza, na defesa de direitos básicos, como Educação, saúde e igualdade social (Alcantara e Sampaio, 2017).

Alcantara e Sampaio (2017) acreditam que o debate acerca da crise de caráter sistêmico e civilizatório exige que haja uma reflexão sobre o sentido do Bem Viver, onde o qual está relacionado à qualidade de vida e a questões como espiritualidade, natureza, modos de vida e consumo, política e ética. Nesta premissa, surge a necessidade de amadurecimento de diálogos sobre o Bem Viver como uma proposta de um desenvolvimento alternativo quando se pensa na relação sociedade/natureza.

Nos debates sobre o Bem Viver se discute muito a respeito dos direitos humanos e da natureza. Na premissa do Bem Viver que privilegia uma relação harmônica entre sociedade e natureza, esta última passa a ser detentora de direitos. De acordo com Gudynas (2011, *apud* Moraes, 2013) é este reconhecimento dos direitos da natureza e o direito à sua restauração que colocam o Bem Viver, uma proposta equatoriana, dentro da sustentabilidade super forte, sendo compreendida como aquela em que os valores próprios ou intrínsecos da natureza são defendidos, como os valores das espécies vivas e dos ecossistemas que nos cercam, mesmo que não possuam nenhuma utilidade ou sejam apreciados pela raça humana.

Acosta e Gudynas (2011, *apud* Moraes, 2013) afirmam que o Bem Viver tem a força de criar ou cocriar novas conceitualizações adaptadas às circunstâncias atuais. Busca ir além deste estilo de desenvolvimento convencional ao qual vivemos e baseia-se em uma sociedade em que os seres humanos convivam em harmonia entre si e com a natureza. E este bom conviver se nutre de diversos âmbitos, desde a reflexão intelectual até as práticas cidadãs, e das tradições indígenas à academia alternativa.

As discussões a respeito do Bem Viver, muitas vezes questionam esse padrão produtivista e consumista como referência para dicotomizar a organização do planeta. O Bem Viver, estilo de vida, meio de desenvolvimento alternativo, mesmo que partido dos povos originários, não necessariamente representa apenas a maneira de pensar e atuar unicamente desses povos, mas também de diversos outros grupos sociais autóctones espalhados pelo continente. “É importante se dar conta de que há aprendizados, mesmo que esses modos de vidas não estejam muitas vezes associados com a modernidade e que façam ser repensado o próprio conceito de progresso” (Alcantara e Sampaio, 2017, p. 237).

Adotar o Bem Viver como modelo de vida e estilo de desenvolvimento requer, de acordo com Moraes (2013), uma mudança radical de consciência e do modo de se compreender e perceber a vida, a qual demanda a demolição de velhas estruturas para dar espaço a uma nova civilização pautada no valor central da vida ao invés de se endeusar a economia. Isto seria, segundo Gudynas (2011, *apud* Moraes, 2013), romper com as visões clássicas de desenvolvimento que estão associadas ao crescimento econômico perpétuo, ao progresso linear e ao antropocentrismo.

Quando tratamos sobre o Bem Viver, consideramos que o mesmo seria um estilo de vida ou desenvolvimento alternativo, um sistema de progresso harmônico entre sociedade e natureza, se irmos de acordo com o pensamento dos diversos autores até então mencionados. Mas, por que desenvolvimento ou mesmo progresso e para quem estes estão presentes e a quem privilegiam?

Com o período colonial, o modo de vida dos povos originários mudou e um novo sistema de “desenvolvimento” passou a dominar o sistema mundo, o capitalismo, um sistema que privilegia o acúmulo de riquezas e passa por cima de tudo e de todos em prol do “progresso e do desenvolvimento”. Contudo, este progresso e desenvolvimento não estão presentes para a vida de muitos indivíduos espalhados pelo mundo, pelo fato de muitas vezes não fazerem parte da então sociedade eurocêntrica e não “colaborarem” para o desenvolvimento e o progresso, pois esses povos, contidos a margem da sociedade, nas bordas do universo, se põem contra um sistema que destrói o nosso bem mais precioso, a natureza, e marginaliza povos e culturas. Esses povos, os originários, tradicionais, vem mantendo um relacionamento de harmonia com a natureza, a considerando parte integrante da vida em sociedade.

Decorrente desta questão, o desenvolvimento que o Bem Viver busca está relacionado a um desenvolvimento em conjunto, que não privilegie apenas uma parcela da população, mas todos que formam uma sociedade. Um desenvolvimento que ande lado a lado com o meio ambiente e que traga valorização para os povos e culturas que ainda são por muitos subalternizados.

3.3 A Ecologia de Saberes – a dialogicidade entre os diversos povos e conhecimentos

Desde o seu surgimento, a Ecologia de Saberes tem fomentado debates e instigado críticas ao redor do mundo. Um conceito que por nome nos faz, muitas vezes, defini-la de forma incoerente ou que mesmo não nos permita concebê-la em sua totalidade. Segundo o sociólogo e estudioso Boaventura de Souza Santos ³ (2008), a Ecologia de Saberes é um conceito ou mesmo ferramenta que ainda está em construção e “sem data para término”.

A Ecologia de Saberes visa a desconstrução de uma sociedade colonialista e preza pelo reconhecimento da diversidade cultural existente e constante na sociedade. Estando inserido em uma sociedade cuja a cultura da hierarquização e reconhecimento validativo de apenas um conhecimento se faz presente, torna-se necessária a desconstrução desse estigma centrado na monogamia religiosa e de crença, e se fortifica a busca por uma sociedade mais igualitária e reconhecedora da pluralidade cultural existente em seu meio. “A ecologia de saberes é o conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônica e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer” (Santos, 2008, p. 154).

A partir dessa premissa de diversidade epistemológica, a Ecologia de Saberes busca reivindicar espaços de fala para povos, culturas e saberes com o objetivo de gerar uma interação entre os diversos conhecimentos, visando com isso,

³ Muitos pesquisadores e estudiosos estão rejeitando teses e teorias do sociólogo Boaventura de Souza Santos por estar em processo judicial por assédio sexual e moral dentro das bases educacionais (Correia, 2024). Contudo, deixo claro que suas ideias e considerações são importantíssimas para o entendimento e compreensão dos conceitos de interculturalidade e Ecologia de Saberes, conceito criado por ele.

a geração de uma possível visibilização desses conhecimentos marginalizados e considerados inferiores pela sociedade eurocêntrica.

Esses conhecimentos tão citados, são os tradicionais; os originários; os passados de geração em geração, de avó para filho, de pai para mãe; são os aprendidos na comunidade; os conhecimentos da floresta; da Pachamama (Mãe Terra); aprendidos nos quilombos; nos terreiros; nas ladeiras; são os conhecimentos populares; considerados inferiores e por isso, postos à margem da sociedade, menosprezados e invalidados, marginalizados por uma sociedade eurocêntrica e capitalista, considerados inferiores ao lado de uma ciência moderna e tida como detentora da verdade. Segundo Boaventura de Sousa Santos, estes conhecimentos são os populares, leigos, plebeus, camponeses e indígenas, que são tratados como irrelevantes e incomensuráveis por estarem para além do universo do verdadeiro e do falso (Santos, 2007).

Boaventura de Sousa Santos ao falar do Pensamento Abissal trata essa distinção ou mesmo diferenciação entre uma classe ou outra, entre povos e culturas, entre saberes e conhecimentos, entre epistemologias, como conhecimentos separados por uma linha imaginária ou metafórica. Esse Pensamento Abissal divide a sociedade entre os visíveis e os invisíveis, os que estão do lado de cá e os que estão do lado de lá, "deste lado da linha" e o "do outro lado da linha". De um lado, temos os conhecimentos alternativos à filosofia e à teologia, como a ciência moderna, tida como detentora da verdade e tomada como conhecimento válido, e do outro lado, temos os conhecimentos do "outro", nascidos muitas vezes de forma empírica e passado por gerações, tido como irrelevantes e falsos, são as idolatrias, magias, crenças, opiniões e entendimentos intuitivos ou subjetivos, que segundo Santos, podem se tornar meros objetos de estudo da ciência moderna (Santos, 2007).

A ciência moderna, um tipo de conhecimento entre outros, assumiu um tom de superioridade, tomando para si o monopólio do conhecimento válido e rigoroso, possibilitando a consagração da epistemologia positivista e a consequente descredibilização das outras epistemologias alternativas, diz Boaventura. Esta ciência, conhecimento moderno ocidental, privilegiado e considerado pela maioria um conhecimento válido e superior, desde que se constituiu uma epistemologia vibrante e inesgotável fonte de progresso do sistema capitalista e da base tecnológica, como diz o autor, vem descredibilizando e marginalizando todos os

conhecimentos não científicos alternativos a esta, tanto no Norte como no Sul (Santos, 2008).

Metaforicamente, quanto falasse sobre Norte e Sul global, estamos tratando também desta distinção e divisão, em que o Norte mantém, segundo Valença (2014), uma relação de superioridade para com o Sul. De um lado, os conhecimentos ocidentais, da modernidade; do outro lado, os conhecimentos tradicionais, originários, partindo dos povos marginalizados, postos à margem da sociedade. Por mais de seis séculos, os que estão do lado da linha que é excluída lutam pela valorização de suas culturas, seus saberes e suas epistemologias. Por mais que já nos encontremos em um período pós-colonial, os resquícios de uma fase deplorável perpetuam até os dias atuais, onde a qual recebe o nome de colonialidade.

Essa colonialidade, segundo Valença (2014), possui o poder de dar continuidade ao processo de dominação e colonização entre os seres considerados superiores e inferiores, e ainda mais, destaca um aspecto importante ao se tratar do assunto, que é a colonização epistêmica. Acredito que essa colonização epistêmica se refere à mudança ou mesmo transformação que os saberes, conhecimentos e crenças advindos dos povos que foram submetidos ao processo colonizador, sofreram.

Acredito que esse processo de colonização epistêmica, além de causar mudança nos conhecimentos do “outro”, também gerou o que recebe o nome de epistemicídio. Em definição simplista, epistemicídio seria a “morte de uma epistemologia”, de conhecimentos, crenças, opiniões etc. Boaventura de Sousa Santos considera que o processo de epistemicídio destrói modelos de saberes locais e está relacionado à desvalorização e hierarquização de tantos outros, desperdiçando a rica variedade de perspectivas presentes na diversidade cultural e nas cosmovisões, ou seja, maneiras de ver e entender o mundo, por elas produzidas (Gomes, 2012).

O colonialismo, para além de todas as dominações por que é conhecido, foi também uma dominação epistemológica, uma relação extremamente desigual de saber-poder que conduziu à supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e nações colonizados, relegando muitos outros saberes para um espaço de subalternidade (Santos; Meneses, 2010 *apud* Gomes, 2012).

Em contraposição a este processo de inferiorização de povos e culturas juntamente com suas práticas e seus saberes, destaco o que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2008) chama de sociologia das ausências e sociologia das emergências.

Quando Boaventura de Sousa Santos trata de sociologia das ausências e das emergências, faz uma discussão sobre a produção social da não existência e alternativas contra-hegemônicas. Na Sociologia das Ausências têm-se a discussão de formas, estratégias, práticas e dispositivos de invisibilização social. Na Sociologia das Emergências se discute a respeito de práticas sociais alternativas e epistemologias que visem a emancipação social (Santos, 2008).

O objetivo da sociologia das ausências, de acordo com o referido autor, é realizar uma transformação de objetos impossíveis em possíveis e através deles transformar as ausências em presenças (Santos, 2008).

[...] Consiste em demonstrar a produção da não existência, ou seja, demonstrar que o que não existe na verdade é produzido como não existente, como explica Boaventura Santos (2008): há produção da não existência toda vez que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível. (p. 102). (Santos, 2008 *apud* Gomes, 2017).

Essa crescente desvalorização do Sul Global gera injustiça social e consequentemente cognitiva. E a Ecologia de Saberes trabalha para acabar com esta injustiça abrindo o campo do diálogo para os subalternos. Ao proporcionar espaço de fala, a Ecologia de Saberes está indo de encontro à restauração da Justiça Social e Cognitiva Global, e para isso, Santos (2007) afirma que para ir de encontro a esta justiça é exigível um novo pensamento, um pensamento pós-abissal.

Segundo Maria Paula Meneses, a Justiça Cognitiva é a porta para a mudança radical da monocultura da ciência, onde a qual, em posição de ser fundamentalista, é absorvida, negociada e dialogada com os demais saberes, permitindo aí um diálogo transversal com o intuito de criar um mundo plural e dinâmico de possibilidades cognitivas infinitas com ênfase na interação e/ou tradução de práticas e saberes. Este é um desafio ético (Santos, 2006 *apud* Meneses, 2009). É através do reconhecimento da diversidade epistêmica contida no mundo que se tem a geração de uma justiça cognitiva e consequente justiça social.

Para que esse reconhecimento seja possível é necessário que espaços de fala sejam proporcionados a estes povos subalternizados. Esses espaços permitem com que esses povos mostrem sua cultura, seus saberes e sua cosmovisão, e dialoguem com outros saberes que permeiam na sociedade, principalmente, com a ciência moderna. Esses espaços recebem o nome de Espaços de Tradução, que é justamente um ambiente onde a interculturalidade é praticada e a dialogicidade entre os distintos saberes é concebida. E é através desse diálogo que as epistemologias e ciências alternativas são passíveis de serem visibilizadas, através da ecologia de saberes geradora de justiça cognitiva.

Neste espaço de tradução, a tradução vai além de compreender uma palavra ou uma língua, como diz Valença (2014).

[...] Dois sujeitos de mundos distintos se confrontaram; um sujeito com dificuldades em compreender o mundo do outro. Um de um mundo mais conhecido e visibilizado; outro, de um mundo mais misterioso. [...] (Valença, 2014).

O diálogo ocasionado neste espaço de tradução vai possibilitar o encontro intercultural que é fundamental na geração de uma possível emancipação social. Segundo Valença, o filósofo e educador Paulo Freire considera que a efetivação deste diálogo só se torna possível com ato de humildade, numa relação dialógica entre seres humanos que buscam saber mais (Valença, 2014). Valença considera que este ser dialógico possui papel fundamental na transformação da realidade neste espaço fronteiriço em que culturas diversas se chocam e se confrontam produzindo emancipações sociais.

A luta pela visibilização desses povos subalternizados permeia até os dias atuais. Neste século 21, a crescente perseguição e desvalorização de povos e culturas procede desde o período colonial. Essa invisibilidade causada pela racionalidade da ciência moderna e pela colonialidade do saber pode ser combatida com o auxílio da ecologia de saberes e, segundo Gomes (2017), essa visibilidade se torna cada vez mais necessária e tem implicações para a educação.

[...] Inês B. de Oliveira (2008) salienta ao discutir a necessidade da educação considerar em suas concepções e práticas a identificação e valorização de “outros modos de pensar e de estar no mundo para além dessa razão [dominante]” que se entende como universal (p. 70). O que passaria por entender como estas formas não hegemônicas têm sido negligenciadas (Oliveira, 2008 *apud* Gomes, 2017).

É importante ressaltar que este diálogo deve ter a participação de sujeitos de várias áreas do conhecimento, com culturas distintas, pois o objetivo é realizar uma interação entre culturas e pensamentos diferentes. Em uma entrevista, Boaventura de Sousa Santos afirma que este diálogo é um processo anárquico, ou seja, democrático, que não se deve ter líderes, mas sim, facilitadores da discussão (Carneiro, Krefta e Folgado, 2014).

Boaventura de Sousa Santos declara que a ecologia de saberes não se refere a uma estratégia epistemológica ou mesmo política que serve para dialogar com o inimigo, com os opressores, mas sim, para criar força entre os oprimidos (Carneiro, Krefta e Folgado, 2014).

[...] para lidar com o que o Mao Tse Tung chamava de contradições secundárias, contradições no seio do povo, por exemplo, entre trabalhadores industriais e camponeses ou entre estes e indígenas. Todos pobres, todos tentando sobreviver e lutar com dignidade, mas com diferenças. [...] (Carneiro, Krefta e Folgado, 2014).

Por último, trago como exemplo a UPMS (Universidade Popular dos Movimentos Sociais) regida por Boaventura de Sousa Santos, um lugar de diálogo prolongado, calmo e tranquilo, suficientemente inclusivo e acolhedor, onde as vozes mais tímidas e até inaudíveis se manifestam e onde a diversidade de conhecimentos pode emergir. Esta UPMS juntamente com Santos que vem causando há muito tempo reflexões epistemológicas e teóricas, firmam o objetivo de ultrapassar o preconceito universitário, levando os universitários a discutirem com não universitários em contextos não universitários e trazendo os conhecimentos e conhecedores não universitários para dentro da universidade convencional. É o que este sociólogo e estudioso chama de “extensão ao contrário”, ou seja, fazer a contra-universidade também dentro da universidade (Carneiro, Krefta e Folgado, 2014).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa de abordagem qualitativa exploratória tem o objetivo de compreender a interculturalidade praticada entre o IFPE Campus Pesqueira e o povo Xukuru através da percepção do indígena Xukuru Vilmar Santana, graduado no curso de Licenciatura em Física pela instituição mencionada.

Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa vai se preocupar, nas ciências sociais, com um estado de realidade que não pode ser mensurado.

Ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001).

A pesquisa de natureza exploratória, em sua maioria, envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com indivíduos que tiveram experiências práticas com a problemática; e análise de exemplos que causem um estímulo à compreensão (Selltiz *et al.*, 1967 *apud* Gil, 2002).

Dessa forma, esta pesquisa se enquadra na classificação qualitativa exploratória por justamente se tratar de uma pesquisa que não têm o objetivo de se quantificar, mas de ir atrás de uma realidade que não pode ser mensurada; por se tratar de um estudo que realizará todo um levantamento de informações através de artigos e documentos já publicados que abordem assunto idêntico ou semelhante e; por se tratar de uma pesquisa que vai se utilizar de método de entrevista para obtenção de dados, podendo esta ser realizada através da aplicação de questionário fechado.

4.1 Caracterização da Área

Pesqueira é um município situado no Agreste pernambucano, estando localizado a aproximadamente 215 km da cidade do Recife, no vale do Ipojuca.

De acordo com o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Pesqueira/PE possui aproximadamente uma unidade territorial de

980,876 km² (2021), um bioma predominantemente de caatinga (2019) e uma população total de aproximadamente 68.067 pessoas (2021) (IBGE).

Figura 1 - Mapa do Município de Pesqueira/Pe



Fonte: Autor, 2024.

4.2 Caracterização do Povo Xukuru do Ororubá

Segundo Silva e Barros (2022), o território do povo Xukuru do Ororubá está localizado entre os municípios de Pesqueira e Poção, na conhecida região do Agreste do Semiárido pernambucano, localizado a uns 215 km da cidade do Recife. Estima-se que no ano de 2013 o povo Xukuru do Ororubá era contabilizado em aproximadamente 12.139 indivíduos (Leal e Andrade, 2012 *apud* Silva e Barros, 2022).

Atualmente, o povo Xukuru do Ororubá se concentra em 24 aldeias divididas, geograficamente, em três regiões, quais sejam: a Serra, o Agreste e a Ribeira (Silva e Barros, 2022). Estima-se que aproximadamente 200 famílias residem na área

urbana de Pesqueira e em alguns bairros adjacentes, embora a maior parte esteja concentrada no bairro “xucurus” (Almeida, 2002 *apud* Silva e Barros, 2022).

O povo Xukuru do Ororubá tem seu estilo de vida totalmente desassociado do estilo de desenvolvimento que predomina na sociedade contemporânea, um estilo de vida que é repassado por gerações e que é bastante inferiorizado por justamente se distanciar das premissas de um desenvolvimento capitalista que para se desenvolver passa por cima de tudo, destruindo histórias, povos, culturas, saberes e crenças, modos de vida que buscam viver em harmonia com tudo aquilo que os cerca.

Este estilo de vida adotado pelo povo Xukuru e que é inteiramente defendido e posto em prática por este povo indígena é o Bem Viver. Acosta (2016) conceitua o Bem Viver como sendo um estilo de vida de íntima relação e complementaridade entre todos os seres vivos, humanos ou não, e parte de distintas maneiras de ver a vida e a sua relação com a Pachamama (Mãe Terra). Forjado no calor das lutas populares, apresenta-se como oportunidade para a construção coletiva de novas formas de vida.

O principal meio de subsistência do povo Xukuru é a agricultura, onde a maior parte da população vive, atualmente, da produção de banana, feijão, mandioca, milho e hortaliças, além da pecuária, com a criação de gado leiteiro e cabras. O que é produzido, é vendido na feira da cidade de Pesqueira. Com a reapropriação de seu território, o povo Xukuru tem lutado para fortalecer as atividades agropecuárias e firmar sua posição na economia local. Essa relação firmada com a cidade, de reabastecimento da mesma com os produtos advindos das atividades, a tensão vivida entre os indígenas e a população tem diminuído significativamente (Neves e Fialho, 2021).

4.3 Métodos Utilizados

Este projeto de pesquisa se utilizou inicialmente de uma pesquisa bibliográfica para obtenção de uma base teórica sobre o assunto, o que contribuiu para a sustentação e viabilidade deste projeto e sua possível execução. Estas pesquisas foram realizadas em sites e plataformas de confiança como: plataforma SciELO, periódicos CAPES, google scholar, sites e revistas acadêmicas.

Para obtenção de dados e informações importantes e necessárias para a viabilização desta investigação, foi realizada uma entrevista semiestruturada com o sujeito de pesquisa. Isso possibilitou a obtenção dos dados necessários para se compreender, na perspectiva do entrevistado, se há uma interculturalidade entre o Instituto Federal e o povo Xukuru. Nesta entrevista, o sujeito teve total liberdade para expor seus pensamentos e dividir toda base epistemológica, todo conhecimento e todo saber que possuía, conhecimentos que ele achava importantes de serem compartilhados. A partir daí, adentramos no método de História de vida.

A história de vida segundo a pesquisadora Lúcia Pereira nada mais é que o relato de um narrador ou sujeito entrevistado, sobre a sua experiência de vida através do tempo, sob a mediação de um pesquisador (Pereira, 2000).

É interessante trabalhar história de vida quando o assunto é a relação intercultural entre uma instituição de ensino moderno e um sujeito pertencente a um povo indígena que, por muito tempo, vem sendo perseguido, desapropriado de direitos, e ainda mais, teve sua cultura, seus saberes e conhecimentos, seus valores e modo de vida, por muitos, subalternizados, inferiorizados, discriminados e estereotipados por séculos, para tentar compreender através de sua trajetória de vida, o impacto que os dois lados do conhecimento e do saber, ocasionou na vida do entrevistado e da comunidade onde reside. O método de história de vida dá liberdade ao entrevistado de expor seus pensamentos, e com isso, nos permite entender a partir da sua perspectiva o que se busca nesta investigação.

Vale ressaltar, segundo Spindola e Santos (2003), que a pesquisa qualitativa se preocupa com os indivíduos e seus ambientes, levando em consideração as suas complexidades, não havendo limites ou controle definidos pelo pesquisador. E ainda mais, que esse tipo de pesquisa se centra na premissa de que os conhecimentos sobre o indivíduo estudado só se tornam possíveis com a descrição da experiência humana. E, de acordo com as autoras, o método de História de Vida é uma das modalidades da abordagem qualitativa.

A história de vida ela instiga o pesquisador a descer do seu pedestal e a sair da posição de “dono do saber”, e com isso, faz com que o mesmo ouça o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo e o que acredita ser importante sobre sua vida. Sendo assim, busca compreender os elementos gerais contidos na entrevista, e não

apenas analisar suas particularidades históricas ou psicodinâmicas (Spindola e Santos, 2003).

Este método de entrevista, de acordo com Maccali (*et al.*, 2014) permite compreender como a experiência de vida e os valores do indivíduo influenciam as decisões tomadas ao longo do tempo.

O método possibilita ao pesquisador contatos com diferentes memórias, as quais se constituíram no desenvolvimento do indivíduo, tanto pessoal como profissionalmente, como também permitem ao pesquisado o estabelecimento de um diálogo interior com seu próprio eu, tomando consciência sobre sua existência e compreendendo, assim, sua trajetória de vida (Maccali *et al.*, 2003, pg. 442).

Decorrente da obtenção dos dados e informações através da entrevista, foi realizada uma análise e interpretação desses, onde Minayo (2009) defende que a análise e interpretação na perspectiva de uma pesquisa de abordagem qualitativa é realizar uma exploração do conjunto de opiniões e representações sobre o tema investigado, sempre atentando que poderá haver diversidade de opiniões e crenças, mesmo que dentro de um mesmo grupo social (Gaskell, 2002; Gomes *et al.*, 2005 *apud* Minayo, 2009).

Na pesquisa de abordagem qualitativa a interpretação dos dados se torna o foco central, uma vez que é considerada o ponto de partida, ao se iniciar com as próprias interpretações dos autores, e o ponto de chegada, porque se torna a interpretação das interpretações (Gomes *et al.*, 2005 *apud* Minayo, 2009).

Dessa forma, dentro desse método proposto por Minayo (2009), a descrição dos dados foi realizada a partir de uma análise interpretativa e, para isso, foi realizada a descrição e a análise das informações como caminho para o processo interpretativo dos dados, gerando informações e indo de encontro com a finalização deste projeto investigativo.

5 RESULTADOS E ANÁLISE

A partir da entrevista realizada com o sujeito de pesquisa desta investigação, Vilmar Santana, graduado em Física pelo IFPE *Campus* Pesqueira e indígena Xukuru, se tornou possível a obtenção de informações importantes e necessárias para o alcance dos objetivos, geral e específicos.

As informações foram obtidas através de entrevista remota pela plataforma Google Meet, gravada por aplicativo de áudio e posteriormente transcritas no word. As respostas estão dispostas em tabelas para facilitar a compreensão e as devidas análises.

Como consta na metodologia, foi utilizado o método da análise interpretativa proposto por Minayo (2009), onde a descrição dos dados, das informações obtidas, foi realizada por método interpretativo.

Quadro 1 - Referente à pergunta de número 1

1 - Quem foi Vilmar antes do IFPE, antes de ter cursado Licenciatura em Física?

Primeiramente, antes de qualquer coisa, sou Xukuru. Sempre lutei pela minha sobrevivência e pelo meu espaço. Ao interromper os estudos na sétima série, comecei a trabalhar cedo para sustentar a família, retomando os estudos, a carreira acadêmica, a vida escolar, aos 30 e poucos anos, concluindo os estudos básicos, fundamental e médio. Trabalhando a noite e estudando durante o dia. Mais à frente, adentro no instituto Federal. Antes disso, tinha o intuito de cursar advocacia, na qual passei no vestibular, contudo, ao cursar o pré-vestibular da UPE, o PrevUPE, me apaixonei pela disciplina de Física, e percebi que poderia ajudar o meu povo muito mais, não precisando do direito, propriamente dito, de um advogado.

Fonte: Autor, 2024.

Saber quem era Vilmar Santana antes de adentrar em uma instituição da sociedade moderna se faz necessário para que haja uma compreensão a respeito de sua evolução, ou seja, para que seja propiciado o entendimento acerca do impacto ou mudança que ter frequentado uma instituição de ensino superior possa ter ocasionado em sua vida.

Através da resposta de Vilmar Santana, no quadro acima, percebe-se o importante reconhecimento de si mesmo como indígena Xukuru. Antes de adentrar em uma instituição até então desconhecida, já tinha no sangue a força e a garra de ser Xukuru. Isso reforça a importância de afirmar e aceitar sua verdadeira identidade, de aceitar seu chamado. As suas escolhas sempre foram fundamentadas no bem de seu povo e não apenas no crescimento de si mesmo.

Quadro 2 - Referente à pergunta de número 2

2 - Quem foi Vilmar no IFPE?
Chegando no IFPE, entrei nas organizações estudantis, inclusive, passei um tempo fazendo parte dos núcleos e diretórios acadêmicos, como por exemplo, do DA de Física e da organização estudantil dos povos indígenas e quilombola. Fui a Brasília atrás, algumas vezes, de recursos da bolsa indígena quilombola e da bolsa permanência.

Fonte: Autor, 2024.

Adentrando no IFPE, percebe-se que o entrevistado adentra em diversos núcleos, crescendo academicamente e como pessoa. Durante o período em que estava na instituição, sempre se mostrou interessado e comprometido com as causas sociais, participando de eventos, projetos e outros movimentos, lutando principalmente pelas causas dos indígenas e quilombolas.

A história da América Latina, segundo Kawakami (2019) é marcada por processos coloniais que acometeram o apagamento físico, cultural, linguístico e territorial dos povos indígenas, que apresenta uma história, outrora invisibilizada, de lutas, subversões, negociações, resistências, recriações culturais e identitárias desses povos. Segundo a autora, decorrente desse processo subalternizador, profundas iniquidades que vieram a acometer o acesso à educação, na sua instância básica e superior, se acumularam [...].

Nota-se a crescente luta que os povos indígenas travaram em busca do reconhecimento. Reconhecimento esse de sua cultura, seu estilo de vida, seus saberes e conhecimentos, sua visão de mundo, sua cosmologia e sobretudo, de seu povo. A história conta lutas históricas e movimentos sociais marcantes. Existem os que estão em busca da mudança, indígenas que se põem à frente de seu povo para lutar por visibilização e por direitos. Adentram nas universidades do homem branco,

aprendem com eles e utilizam o conhecimento da ciência moderna em comunhão com os conhecimentos empíricos em prol da comunidade, da melhor qualidade de vida para os seus.

Quadro 3 - Referente à pergunta de número 3

3 - Qual o impacto que a formação em Licenciatura em Física trouxe para sua vida como pessoa, cidadão e indígena Xukuru?

O primeiro impacto foi a troca de conhecimento! A relação que tem o conhecimento empírico com o conhecimento acadêmico, uma relação muito próxima, pena que o povo não valoriza. Dentro da academia, desenvolvemos alguns projetos, não só na área da física, mas também na físico-química. Tem um material meu publicado em uma revista internacional sobre o biodigestor aeróbico, com o intuito de produzir gás com fezes de animais. Já tem alguns protótipos funcionando aqui na região. Na casa das sementes Mãe Zenilda, que fica no território do povo Xukuru, tem-se um pequeno laboratório onde são extraídos óleos essenciais. O que fizemos? Pegamos o conhecimento acadêmico e levamos para a comunidade. Levamos o conhecimento das plantas medicinais que o povo Xukuru já tinha, há séculos, e sistematizamos.

Fonte: Autor, 2024.

Através da resposta do entrevistado, pode-se perceber o impacto que, primeiramente, ter adentrado em uma instituição de ensino superior e segundo, ter se formado no curso de Licenciatura em Física trouxe para sua vida como pessoa, indígena e Xukuru, além claro, do que esta formação favoreceu ao seu povo. Percebemos que além da inicial troca de conhecimentos, o que já é muito importante, houve também o enlace do conhecimento acadêmico com o empírico ou tradicional, na qual o indivíduo utilizou o conhecimento acadêmico em conjunto com o conhecimento que seu povo já tinha, a seu favor.

Essa correlação citada por Vilmar Santana, sustenta a premissa de que não há o objetivo de desacreditar a ciência ou conhecimento científico, mas sim, de encontrar um meio de fazê-lo dançar harmoniosamente com os conhecimentos e saberes tradicionais, dos povos originários, afirmando a necessidade de um caminhar harmonioso, ultrapassando essa barreira da subalternização de conhecimentos e saberes, de povos e raças, culturas e estilos de vida.

Quadro 4 - Referente à pergunta de número 4

4 - A descentralização do conhecimento busca romper com a barreira de um conhecimento único e considera outras formas de ensinar/aprender e saber importantes! Com base nisso, na sua Percepção, o IFPE *Campus* Pesqueira é uma instituição que vai em busca da descentralização do conhecimento?

A instituição IFPE, não só o *Campus* Pesqueira, mas o Instituto Federal como um todo, tem essa pegada humanística, uma pegada do ouvir. Haja visto que temos vários núcleos de inclusão, e eu Participo de todos! Em alguns eventos, como o de agroecologia, por exemplo, feitos pelo IFPE, eu participei da elaboração e da conclusão desses projetos, desses eventos. O povo Xukuru sempre tem esse diálogo com o IFPE, pois é uma instituição muito aberta.

Fonte: Autor, 2024.

O objetivo principal deste projeto investigativo é entender através da percepção do entrevistado a interculturalidade existente entre o Instituto Federal de Pesqueira e o povo Xukuru, sendo assim, entender o que vem a ser descentralização do conhecimento, do saber, e uma instituição que vai em busca dessa descentralização, se faz necessário.

Essa descentralização, segundo Bretherick (2010) está relacionada a uma abordagem do conhecimento onde o sujeito não é ignorado, ou seja, acredita que o sujeito está à frente do objeto do conhecimento. Segundo a autora, é uma relação que rompe ou busca romper com o processo poder/conhecimento. “Remete à ideia da rede com seus nós que produzem diferentes saberes que se deslocam de seu ponto central e bifurcam-se, continuamente, criando novas redes de saber, numa crescente descentralização dos saberes” (Bretherick, 2010).

Essa descentralização, consequentemente, gera ou pode gerar uma interculturalidade entre os diversos conhecimentos e saberes presentes na universidade. De acordo com o entrevistado, não só o IFPE *Campus* Pesqueira, mas o IFPE como um todo tem essa pegada do ouvir, mantém essa relação de diálogo para com o povo Xukuru, sendo considerada por ele, uma instituição aberta e comprometida com as causas de seu povo, isso é demonstrado através de núcleos acadêmicos, eventos e projetos que, muitas vezes, envolvem os Xukuru na elaboração e na programação.

Quadro 5 - Referente à pergunta de número 5

5 - A universidade é entendida como elo entre a sociedade e o que tem a extensão, o ensino e a pesquisa, e busca-se através dela o equilíbrio entre os conhecimentos populares e o científico numa perspectiva dialógica. Com base nisso, você considera o IFPE como uma instituição onde a interculturalidade é praticada, ou seja, onde há uma promoção de diálogo entre os diversos conhecimentos e saberes que compõem o meio acadêmico? Esses conhecimentos que destaco são os tradicionais, os empíricos, os religiosos, os camponeses, o filosófico, além claro, do conhecimento científico e entre outros.

SIM! Quando vai haver um evento, um seminário na instituição e eu participo de alguns como colaborador, é convidado para fazer parte desses movimentos sociais, movimento camponês, de mulheres, quilombolas, então isso é bem gritante quando você fala em pesquisa e extensão, principalmente esta última. O IFPE tem essa preocupação de que os projetos de extensão cheguem até as comunidades. Projetos que vão para além da educação, além do ler e escrever. O IFPE tem essa preocupação em formar cidadãos. Pessoas munidas de conhecimento acadêmico, mas que respeitem os conhecimentos e saberes tradicionais, originários, respeitando seus espaços e seu modo de vida.

Fonte: Autor, 2024.

O Sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2004) afirma que a universidade do século XXI deve reconhecer a pluralidade de conhecimentos existente, o que o autor denomina de ecologia dos saberes, destacando a necessidade da promoção de diálogos entre o saber científico e humanístico que a universidade produz com os saberes leigos, populares, tradicionais, camponeses, advindos de outras culturas não ocidentais que circulam na sociedade.

O objetivo da ecologia dos saberes, segundo Santos (2004), é causar o confronto entre o conhecimento científico e os outros saberes, para assim, equilibrar aquilo que foi desequilibrado na primeira modernidade: a relação entre as ciências naturais e as práticas sociais.

Segundo Vilmar Santana, o IFPE *Campus* Pesqueira pode sim ser considerado, na sua percepção, uma instituição que pratica a interculturalidade, sendo uma instituição que promove diálogos entre as distintas culturas ali presentes. Ele afirma que o IFPE tem essa preocupação de levar projetos e eventos até as comunidades. Projetos esses, que segundo ele, caminham para além da educação, além do ler e escrever.

Quadro 6 - Referente à pergunta de número 6

6 - Você acredita ser importante a promoção de encontros e diálogos entre distintas culturas, povos, raças etc?

SIM! Primeiro, porque tem-se a valorização da cultura! Não só da cultura indígena, mas da cultura quilombola, negra, cultura dos terreiros, porque tudo isso faz parte do mesmo universo. Tem muito isso no povo Xukuru, porque somos apenas uma pequena parte do todo. Estamos aqui de passagem, e temos que deixar uma planta nova para as futuras gerações. O instituto em si tem essa preocupação quando digo o seguinte, quando ouço um ancestral e trago para dentro da universidade, o que já aconteceu diversas vezes.

Em alguns eventos, é chamado um representante do povo Xukuru ou muitas vezes o instituto vai até o território, saber como é o trabalho das parteiras, por exemplo. Havendo aí a junção entre a medicina tradicional com a medicina ocidental, a medicina, como diz minha madrinha, do “homem da roupa branca”.

Fonte: Autor, 2024.

Ainda relacionado com a interculturalidade, foi realizada uma pergunta mais minuciosa sobre a importância da promoção de diálogos entre as culturas, povos, raças etc, sem especificamente ser na instituição de ensino, apenas para compreender a percepção do entrevistado sobre diálogos interculturais na sociedade.

De acordo com Vilmar Santana, a promoção de diálogos interculturais é de extrema importância porque gera uma valorização cultural. Uma valorização de todas as culturas que estão presentes no espaço de discussão. Segundo o mesmo, a instituição de Pesqueira tem essa preocupação em dialogar com o povo Xukuru, afirmando ainda que o que é ouvido na comunidade, é levado para dentro da academia.

Ao falar sobre diálogo intercultural, fala-se também de espaços de fala, espaços esses onde a conversação é instigada. Percebe-se, através da fala de Vilmar Santana, que o instituto de Pesqueira abre espaço de fala para esses povos mostrarem a sua cultura, onde em alguns eventos, é dada a fala para representantes do povo Xukuru.

Quadro 7 - Referente à pergunta de número 7

7 - Como estudante que faz parte de uma comunidade tradicional, vivente de um estilo de vida diferente do ocidental, mas que conheceu e conhece o conhecimento científico, acredita que esses dois mundos, o tradicional e o científico, podem dialogar entre si? Como?

Esses dois mundos podem dialogar? Podem! Esses dois saberes, o científico e o tradicional, podem dialogar a partir do momento em que se haja respeito. Respeito é primordial, eu tenho que respeitar o diferente e aprender com ele. Então, quando começo a respeitar o outro, da forma que ele é, e não da forma que eu quero que ele seja, a coisa começa a fluir. A educação também funciona dessa forma no território. A gente recebe universitários, todo ano quando tem a nossa assembleia. Com isso, tem-se a troca de conhecimentos. Algumas vezes nós vamos a alguns eventos acadêmicos ocorridos em Recife, somos convidados a participar desses eventos, sempre estamos em movimentos sociais.

Então há o princípio de ouvir a academia, de compartilhar conhecimento, trocar saberes.

Fonte: Autor, 2024.

O objetivo da interculturalidade é instigar a promoção de diálogos entre as distintas culturas que compõem a sociedade, principalmente, entre o conhecimento científico e tradicional. O conhecimento científico, considerado moderno, por séculos vem exercendo uma posição de superioridade sobre os demais conhecimentos não ocidentais. Dessa forma, o que se pretende com a interculturalidade gerada pela ecologia de saberes de Boaventura de Sousa Santos (2004) é causar um diálogo onde nenhum conhecimento prevaleça sobre outro, mas viva em harmonia.

Segundo Vilmar Santana, esses dois tipos de conhecimentos podem sim dialogar, contanto que haja respeito. Respeito é primordial para que haja diálogo, de acordo com ele, temos que respeitar o diferente e aprender com eles. Esse diálogo entre esses conhecimentos pode gerar uma troca de saberes importantes para a sociedade e para a base epistemológica da academia.

Quadro 8 - Referente à pergunta de número 8

8 - Qual a importância de uma Universidade indígena? E como diferenciá-la de uma Universidade Ocidental?
Primeiramente, não existe uma universidade brasileira totalmente indígena! Segundo, é importante porque ao invés do indivíduo indígena adentrar em um ambiente desconhecido, estará tendo contato com uma universidade, que voltada para os indígenas e quilombolas, encontrará um espaço onde o conhecimento acadêmico estará dialogando com o científico. O estudante irá se sentir acolhido. Aqui na aldeia já tivemos dois indígenas que se suicidaram, e eu acredito que tenha sido essa correlação, parentes que estudavam em uma instituição ocidental, não estou culpando a mesma, apenas frisando que esse choque de realidade talvez tenha desencadeado nesse indivíduo que já tinha alguma dificuldade de compreender e aceitar algumas coisas. Quando fui até Brasília, sabendo que lá dentro da instituição tinha um espaço nosso, eu fui com mais segurança.

Fonte: Autor, 2024.

Um indivíduo indígena, vivente de um estilo de vida diferente do ocidental, com costumes e cultura distintos, ao adentrar numa instituição ocidental, eurocêntrica, que tem o conhecimento científico e formal como base, inicialmente, sente o choque cultural. Adentrar em um ambiente desconhecido pode ser muito desafiador para esses indivíduos, há muito, marginalizados.

De acordo com a resposta de Vilmar Santana, no quadro acima, percebe-se que, no Brasil, ainda não existe uma universidade totalmente indígena, o que reforça essa necessidade, pois consoante ao mesmo, uma universidade deste estilo estaria proporcionando ao indígena um ambiente mais afetoso, onde a base epistemológica da academia possivelmente seria firmada na dialogicidade entre o conhecimento científico e os saberes tradicionais ou não ocidentais. O estudante se sentiria mais acolhido e confortável.

Quadro 9 - Referente à pergunta de número 9

9 - Se você tivesse esse poder, faria com que todas as instituições de ensino, sendo elas do ensino infantil até a universidade, trabalhassem da mesma forma no repasse do saber, do conhecimento, como as instituições de Educação indígenas, sejam escolas ou universidades?

Não, porque a educação não é linear! O conhecimento não é linear. Existem as ondulatórias. Você ver lá na LDB, que tem a Educação Indígena e Quilombola para ser inserida no currículo, mas principalmente as escolas particulares, não fazem isso. As leis e as normativas já foram criadas, só faltam serem colocadas em prática. Ser cobrado.

Eu como professor, fazer uma educação linear, não tem como. Uma sala de aula não é linear. Temos que entender que existem pessoas diferentes, livres de aprendizados. Um vai aprender mais matemática, outro português, e ciência, a educação não pode ser linear.

Fonte: Autor, 2024.

Havendo-se essa importância de uma universidade indígena, no que ela representa ou representaria para os povos indígenas, baseando-se nas palavras de Vilmar Santana, nota-se a grande sabedoria que o entrevistado, indígena Xukuru, que adentrou em uma academia ocidental em busca do conhecimento científico em prol da melhoria de vida do seu povo, ao considerar que não faria com que todas as unidades educacionais, em todas as suas esferas, trabalhassem da mesma forma no repasse do conhecimento/saber que as universidades indígenas.

Vilmar Santana considera que a educação não pode e não deve ser repassada de forma linear, que, segundo ele, é uma educação que segue apenas por um caminho. Dessa forma, acredita que a educação não deve ser linear por justamente existirem pessoas distintas, livres de aprendizado, onde cada qual aprende do seu jeito, do seu modo, no seu tempo.

Através da consideração de Vilmar, infere-se que não é necessário a transformação das universidades ocidentais em indígenas, o que se almeja, é que essas instituições comecem a levar em consideração os saberes e conhecimentos tradicionais, originários dos povos indígenas que anseiam por valorização e reconhecimento de sua forma de vida. Até porque, como discutido anteriormente, não se objetiva descredibilizar o conhecimento científico, ocidental, e tido como

moderno, mas de fazê-lo caminhar em consonância com os conhecimentos e saberes dos povos postos à margem da sociedade.

Quadro 10 - Referente à pergunta de número 10

10 – Para as instituições que estão em busca da descolonização da academia, descolonização do saber e do conhecimento, você considera as universidades indígenas como modelos a serem seguidos? Por quê?

Não vou dizer modelo a ser seguido, porque cada instituição tem sua cara própria. Algumas coisas podem ser adaptadas, desconstruídas, os preconceitos por exemplo, muitas vezes enraizados. Mas eu acredito que cada instituição, cada universidade tem sua maneira própria de coabitar nesse ambiente.

Por exemplo, não posso pegar uma instituição da Bolívia como referência, porque a realidade de lá é diferente da nossa. Temos que coabitar, trocar conhecimentos. Há um modelo a ser seguido? Não, porque o modelo da Bolívia, da Unibol, já veio dos primórdios, não foi criado depois da universidade.

Fonte: Autor, 2024.

Em muitos casos, torna-se mais fácil a elaboração de projetos, eventos ou quaisquer outros processos, quando já se tem alguma referência ou exemplos a serem seguidos. Dessa forma, baseado na visão de Vilmar Santana, as universidades indígenas não deveriam ser modelos a serem seguidos quando se fala em descolonização da academia, até porque, elas já foram planejadas, pensadas e implantadas sob preceitos decoloniais, já realizando essa conexão entre o conhecimento tradicional e o ocidental.

Segundo o mesmo, as instituições ocidentais que buscam essa descolonização do saber/conhecimento, de sua base epistemológica e curricular, de sua estrutura educacional, devem passar por uma desconstrução e adaptação. Cada instituição, segundo o entrevistado, tem sua maneira de pensar e coabitar neste ambiente multicultural.

Quadro 11 - Referente à pergunta de número 11

11 – Se você pudesse formular uma instituição de ensino superior, como seria esta instituição? Como esta instituição seria para os povos tradicionais? Como os conhecimentos seriam abordados? Seria trabalhado a interculturalidade? De que maneira?

Se eu fosse construir o PPC de uma instituição, primeiro, levaria em conta o conhecimento acadêmico e o indígena fazendo essa junção. Seria uma educação contextualizada, uma educação que levasse em conta o homem do campo, a enxada como ferramenta de educação, o plantar, e colher e o comer. O que você tira da aula de geografia, de física, história e ciências com ferramentas daquela região.

Então, dá um jeito de fazer isso coabitar? Dá. Educação! Uma educação que faça sentido para quem está aprendendo.

Fonte: Autor, 2024.

Ainda envolvendo uma discussão a respeito da universidade indígena, foi indagado a Vilmar a respeito da formulação de uma instituição de ensino superior, e a resposta do mesmo mostrou o grande portfólio e leque de conhecimento que ele possui. Para construir uma universidade, por exemplo, na elaboração do PPC (Projeto Político Pedagógico do Curso) ele faria a junção entre os dois tipos de conhecimentos discutidos aqui, o tradicional e o científico. Além disso, a educação seria contextualizada, ou seja, uma educação que levasse em consideração o homem do campo, o conhecimento campestre, a enxada como ferramenta de educação. Afirmando que a educação formal e informal pode coabitar e caminhar para um educar que faça sentido para quem está sendo educado, para quem está aprendendo.

Quadro 12 - Referente à pergunta de número 12

12 – O que é o Bem Viver?

O Bem Viver é, principalmente, respeitar a natureza! Nós temos a natureza como nosso espaço sagrado, nosso espaço de vida e convivência. Tudo que acontece dentro do povo Xukuru, antes de qualquer reunião, de qualquer momento de decisão, a gente consulta a natureza sagrada. Essa consulta é feita através da pajelança, do ritual sagrado. O Bem Viver é respeitar. Respeitar os outros mundos.

O Bem Viver do povo Xukuru é uma troca de experiências, de saberes.

Fonte: Autor, 2024.

O IFPE *Campus* Pesqueira sendo uma instituição que possui um percentual elevado de estudantes indígenas Xukuru matriculados na instituição, se diferencia das demais por estar materializando um diálogo intercultural, promovendo a dialogicidade entre as distintas culturas presentes no meio acadêmico.

Como objetivo deste projeto, o saber/conhecimento tomado como base para este processo investigativo é o Bem Viver do povo Xukuru do Ororubá, um saber que pode ser considerado um estilo de vida alternativo, que busca promover um conviver harmonioso entre ser humano/ser humano e ser humano/natureza.

O Bem Viver dos Xukuru, segundo Vilmar Santana, significa, principalmente, respeitar a natureza. Segundo ele, os Xukuru têm a natureza como espaço sagrado, de vida e convivência. E ainda afirma que tudo que acontece na comunidade, antes de qualquer decisão que possa ser tomada, a natureza é consultada. O Bem Viver segundo o entrevistado, é respeitar, respeitar os diversos mundos, a troca de saberes e experiências.

Quadro 13 - Referente à pergunta de número 13

13 – Você poderia falar um pouco sobre a cosmovisão ou visão de mundo do povo Xukuru?
A visão de mundo do povo Xukuru é de vários mundos. Tem o mundo alado, que é o mundo dos pássaros, o mundo das florestas, o mundo das pedras e das águas, e tem seres que cuidam desses espaços. O povo Xukuru, apesar de ter esse costume da América de cuidar de passarinho na gaiola, a grande maioria do povo Xukuru, não. Passarinho é para estar solto, passarinho solto canta mais bonito. Então, nós respeitamos esses vários mundos. Uma visão que para além desta vida terrena material, há uma vida espiritual. Há uma vida para além do corpo, da matéria. Então a gente respeita esses outros espaços.

Fonte: Autor, 2024.

A cosmovisão pode ser considerada um modo particular de ver ou perceber o mundo. Baseando-se neste conceito, a visão de mundo do povo Xukuru, segundo Vilmar Santana, é de vários mundos, ou seja, tem-se o mundo alado, das flores, das pedras, das águas etc. E existem os seres que cuidam desses espaços.

O Povo Xukuru possui uma visão de mundo para além da vida terrena, uma vida também espiritual. Eles acreditam que existe uma vida para além do corpo, da matéria, o que afirma sua crença na vida após a morte.

Quadro 14 - Referente à pergunta de número 14

14 – Quais os avanços e as conquistas que o povo Xukuru conseguiu nestes últimos anos?

A primeira grande conquista foi a retomada do nosso território, eu digo retomada porque não foi apenas o ministério dos índios e quilombos, não foi só o governo, realmente nos reocupamos, retomamos nosso território. Apesar de ter agora uma pequena parcela em questão judicial, estamos lá, independentemente de qualquer coisa.

Outra conquista foi o reconhecimento, não pelo Estado brasileiro, mas pela corte interamericana que condenou o Estado brasileiro pela sua negligência para com o povo Xukuru. Nós fomos lá e ganhamos o processo contra o Estado brasileiro.

O povo Xukuru conquistou a independência com uma educação específica e diferenciada, gerida pelo próprio povo.

Temos o nosso próprio sistema de saúde.

Nós temos uma conquista de ocupação dos espaços, espaços esses políticos, importantíssimos, para a construção de uma nova política pública. São vários avanços que a gente tem alcançado ao longo do tempo, das décadas. Temos uma participação ativa na história de Pernambuco. O povo Xukuru não se sente e não é melhor que nenhum outro parente. Nós pensamos o ser humano como ser igual.

Digo que a maior conquista não é a terra, mas sim, viver uma vida diferenciada. Uma vida onde eu respeite o meu semelhante.

Fonte: Autor, 2024.

A história do povo Xukuru foi marcada por lutas territoriais e por valorização. Uma luta principalmente por reconhecimento de seu povo, de sua cultura, de seu saber e estilo de vida, uma luta marcada principalmente por resistência. Como consequência dessas lutas, o povo Xukuru alcançou várias conquistas, como por exemplo, a retomada de seu território, o reconhecimento por parte da corte interamericana, conquistou a independência com uma educação específica e diferenciada, gerida pelo próprio povo, conquistou o próprio sistema de saúde, e

ainda a ocupação dos espaços, espaços esses políticos, importantíssimos, para a construção de uma nova política pública.

Através da entrevista com Vilmar Santana, pôde-se perceber o grande avanço que o povo Xukuru teve nesses últimos anos, segundo o mesmo, eles possuem indígenas Xukuru em várias instâncias da sociedade, na política, na saúde, educação etc, demonstrando o grande avanço que eles conseguiram no decorrer de sua trajetória.

Quadro 15 - Referente à pergunta de número 15

15 – Saberá dizer alguma coisa sobre como anda a aceitação por parte dos pesqueirenses a respeito das crenças, do estilo de vida e dos rituais do povo Xukuru?

Na sua grande maioria, eles respeitam e tentam compreender. Hoje, estamos ocupando espaços que outrora não nos foi permitido ocupar. Hoje, nosso Vice-Prefeito é Xukuru, nosso Secretário de Educação é Xukuru, nossa Secretária de Saúde é Xukuru, na câmara de vereadores da cidade tem 4 (quatro) Xukuru, defesa civil temos 1 (um) Xukuru, então, há uma aceitação ou tolerância, pois nós estamos aqui, ou você nos vê ou vai ficar cego, pois vamos continuar aqui, vamos continuar lutando, vamos continuar existindo, mesmo que não queiram.

Fonte: Autor, 2024.

Segundo Vilmar Santana, sobre a aceitação de seu povo por parte dos pesqueirenses, o que envolve suas crenças, cultura, estilo de vida etc, ele declara que em sua maioria, respeitam e tentam compreender. E percebe-se que isso já é um avanço para os que passaram uma vida inteira lutando por valorização e reconhecimento.

Atualmente, os Xukuru ocupam espaços que outrora não podiam ocupar. Segundo Vilmar, o atual Vice-prefeito de Pesqueira é Xukuru, o Secretário de Educação é Xukuru, a Secretária de Saúde é Xukuru, na câmara de vereadores da cidade tem 4 (quatro) Xukuru e etc, ou seja, isso demonstra que as lutas, os movimentos sociais de resistência do povo Xukuru, as suas reivindicações, não foram vãos. Essas mudanças podem ter demorado séculos, mas sabe-se que a guerra tem início, mas o fim, não nos é sabido.

Quadro 16 - Referente à pergunta de número 16

16 – Poderia Falar um pouco sobre os Reis, Encantados e Divindades do povo Xukuru?

Reino Encantado, vou te dar um exemplo bem claro. Nosso cacique Xicão não foi sepultado, ele foi plantado, para que dele nasçam novos guerreiros. Inclusive eu. Então, ele está em um reino encantado, no reino da pedra do rei do Ororubá.

A gente tem muito respeito por esses locais. São locais sagrados do povo Xukuru. A pedra do rei do Ororubá, por exemplo, a gente só sobe a este local uma vez por ano, e se estiver devidamente trajado, mesmo sendo Xukuru. As nossas vestes têm um significado.

Nem todo ritual tem Jurema, então, há momentos em que a Jurema pode ser consumida e há momentos que não. Só quem tem esse conhecimento que é passado de geração em geração, é o Pajé. O Pajé determina qual o tempo desse momento, pois ele quem tem o contato com os dois reinos.

Nós, do povo Xukuru, não temos problema algum em conviver com essas duas realidades. Com essa troca de saberes e conhecimentos, não temos problema nenhum de viver com a religião.

Fonte: Autor, 2024.

Sobre os Reis, Encantados e Divindades do povo Xukuru, Vilmar afirma que o povo Xukuru tem muito respeito pelos locais considerados sagrados, como a Pedra do Ororubá, por exemplo. Nos rituais, nem todos podem participar, e para os que participam, todos os passos e etapas são seguidos à risca. Para eles, há duas realidades, o real ou material e o espiritual, e eles convivem perfeitamente com esses dois mundos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da entrevista com Vilmar Santana, graduado no curso de Licenciatura em Física pelo Instituto Federal de Pesqueira, professor e indígena Xukuru, foi possível a obtenção dos resultados necessários para o desfecho desta investigação. Como constatado, Vilmar se destaca dentre os demais por possuir um leque de informações e um portfólio de conhecimentos e saberes originalmente concebidos, ou seja, obtidos através de seu povo, mas que foram aperfeiçoados pela utilização do conhecimento formal ou da ciência moderna, a favor da melhoria de vida pessoal e da sua comunidade.

Como objetivo geral deste trabalho em se compreender a relação intercultural travada entre o Instituto Federal de Pesqueira e o povo Xukuru do Ororubá, percebe-se através da concepção do entrevistado, que a instituição vem se destacando por abrir espaços de fala e dar ouvido às reivindicações dos povos indígenas locais, afirmando que o instituto possui essa proposta intercultural e que vai em busca da desconstrução de uma academia em sua totalidade eurocêntrica.

Ser indígena não é fácil, a história de vida deste povo é marcada por lutas e resistência. A partir dos resultados, foi possível compreender que a busca pelo conhecimento do homem branco não apagou os traços que caracterizassem o sujeito desta investigação como indígena, mas permitiu com que o mesmo o utilizasse em conjunto com os conhecimentos e saberes que já possuía, na luta por espaço e valorização, afirmando que esses dois tipos de conhecimentos, o tradicional/originário e da ciência moderna, podem se firmar numa relação de complementariedade.

Através dessa linha do tempo, dessa provável história de vida de Vilmar Santana, foi permitido perceber a construção, o amadurecimento e evolução que o mesmo obteve desde antes da formação até depois de formado e estar inserido em diversos projetos ligados a Secretaria de Educação. A obtenção do conhecimento formal, permitiu com que o mesmo adentrasse em espaços em que outrora os indígenas não podiam ocupar. Isso mostra a conquista que ele e outros indígenas que também foram nesta mesma pegada obtiveram, ocupando espaços que por séculos os tinham sido privados.

Para que tudo isso fosse possível, primeiramente, foi necessário força individual e determinação do sujeito em crescer como pessoa e buscar suas próprias

conquistas para posteriormente fazer a diferença para seu povo, e segundo, a relação da instituição para com o indivíduo, na qual deve ser uma relação fundamentada em um ambiente acolhedor. Como pôde-se notar, o próprio entrevistado afirma que não só o IFPE *Campus* Pesqueira, mas o Instituto Federal como um todo, possui uma relação intercultural para com as distintas culturas presentes em suas dependências. E isso é percebido através de projetos, atividades e eventos voltados para estes povos ou que muitas vezes, os tem como integrantes e responsáveis.

A promoção de diálogos é de extrema importância nas universidades, diálogos esses interculturais, permitindo com que cada cultura, cada povo, raça, etnias etc, mostrem sua cultura e tenham espaço de fala. Através do considerado por Vilmar Santana, este tipo de diálogo é sim importante porque gera valorização para quem estiver inserido no debate. O IFPE Pesqueira sendo uma instituição onde esses diálogos são travados, vai de encontro a uma instituição que busca a descentralização do saber/conhecimento, o que considera outras formas de ensinar/aprender importantes. Isto afirma o elo existente entre o IFPE e a sociedade, a comunidade e os povos que estão ao seu redor, é uma instituição que busca o equilíbrio entre os conhecimentos tidos como populares e científico numa perspectiva dialógica.

Com isso, pode-se perceber que há sim uma possibilidade de interculturalidade entre os saberes/conhecimentos que permeiam na academia, por mais distintos que sejam. Vilmar Santana acredita e comprova que a cultura da academia eurocêntrica e a cultura dos povos tradicionais ou originários podem coexistir e se relacionar numa relação dialógica e de complementariedade a partir do momento em que mostra a sua evolução, onde se empenhou na academia moderna em busca do conhecimento científico e formal, para que em complemento com o saber/conhecimento que naturalmente possuía, mudasse a perspectiva de vida de seu povo.

Como profissional que adentrou numa instituição até então desconhecida em busca do conhecimento formal e sistematizado, é uma prova viva de que esses dois mundos podem coexistir naturalmente, se houver respeito. Quando estudante indígena, inserido numa academia que, mesmo que em busca da descolonização e descentralização do saber/conhecimento, ainda sim eurocêntrica, onde o conhecimento que prevalece ainda é o científico, formal e sistematizado, não se

envergonhou, muito pelo contrário, fez história. Adentrou em diversos núcleos acadêmicos voltados principalmente para minorias sociais, ganhando espaço e firmando uma ponte entre o instituto e o povo Xukuru.

O entrevistado demonstra a grande sabedoria ao afirmar que apesar de tudo, não faria com que todas as instituições de ensino superior fossem indígenas ou trabalhassem da mesma forma no repasse do conhecimento, até porque, cada instituição tem sua maneira de estar e pensar, a questão não é ser universidade indígena, mas sim, ser uma universidade que ouve as distintas culturas, povos e raças que compõem a comunidade acadêmica. Uma instituição acolhedora, que respeite e dialogue com conhecimentos tradicionais/originários.

O Povo Xukuru possui um saber/conhecimento vasto e riquíssimo sobre a terra, a natureza, a relação entre indivíduos, a cosmologia etc. O Bem Viver, que é discutido neste trabalho, que busca essa harmonia entre homem e natureza, que é por eles considerada sagrada, parte integrante da vida em sociedade, é por eles e por muitos considerado um estilo de vida alternativo, e isso poderia ser discutido nas universidades, em cursos como geografia, história, filosofia, áreas da natureza e afins. A visão de mundo que o povo Xukuru tem está a frente do que muitos de nós, como por exemplo, ativistas do meio ambiente, lutam, uma relação de harmonia com a natureza.

A questão não é que todos desistam ou deixem de lado seus estilos de vida, mas que apenas não os sobreponham sobre os demais. Cada povo, cada saber/conhecimento possui sua particularidade, tem o que contribuir pra vida em sociedade.

O que os povos que por muitos anos sofrem com a desvalorização e subalternização de sua cultura, seus costumes, valores etc, buscam, é apenas reconhecimento e valorização de um povo que faz parte da história da humanidade e principalmente, da história da construção deste país, deste estado ao qual estamos. Toda luta e esforço travado não foi em vão, o povo Xukuru obteve diversas conquistas no decorrer do tempo, avanços obtidos com muito sangue e suor, reconquistando espaços e posições de destaque, como consta nos resultados, tendo indígenas Xukuru na Secretaria de Educação, na câmara de vereadores, na defesa civil, na prefeitura etc, ou seja, estão aos poucos ganhando espaço na sociedade.

Finalizo afirmando o quão seria enriquecedor para esta investigação, ter trazido conceitos referenciados por estudiosos advindos originalmente dos povos

tradicionais, especificamente do povo Xukuru, contudo, deixo claro a dificuldade no encontro de estudos que envolvem a mesma temática ou assunto similar, me atendo somente a conceitos partido de estudiosos que estão na vanguarda quando o assunto envolve povos tradicionais/originários, subalternização de culturas e epistemologias, bem viver, ecologia de saberes e interculturalidade. Finalizo este projeto deixando um gostinho de uma possível continuidade da pesquisa.

REFERENCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Elefante, 2016.

ALCANTARA, Liliane; SAMPAIO, Carlos. Bem Viver como paradigma de desenvolvimento: utopia ou alternativa possível?. *Desenvolv. Meio Ambiente*, v. 40, p. 231-251, abril 2017.

BREITHERICK, Giselda. **Desterritorialização do conhecimento e descentralização do saber na obra de Pierre Lévy**. *Revista Múltiplas Leituras*, v. 3, n. 1, p. 184-196, jan. jun. 2010 186.

CANDAU, V. M. (2008). **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37. DOI: 10.1590/S1413-24782008000100005.

CARNEIRO, Fernando; KREFTA, Noemi; FOLGADO, Cleber. **A Praxis da Ecologia de Saberes**: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. *Tempus, actas de saúde colet*, Brasília, 8(2), 331-338, jun, 2014.

CLEMENTE, F. A. S.; MOROSINI, M. C. (2019). **Apontamentos sobre competências interculturais na educação superior: o que pensam os discentes de maior rendimento?** *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, SP, v. 7, p. e 021001. DOI: 10.20396/riesup.v7i0.8654622.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GOMES, Ana. **A Sociologia das Ausências e das Emergências em Sala de Aula**. *Revista da Pós-Grad. em Ciências Sociais*, UFRN, Natal, v. 18, n. 2, jul./dez. 2017.

GOMES, Fulvio. **As Epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos**: por um resgate do sul global. *Revista Páginas de Filosofia*, v. 4, n. 2, p. 39-54, São Paulo. jul./dez. 2012.

G1 Caruaru (2023). **Justiça anula sentença que condenou e tirou direitos políticos do cacique Marquinhos Xucuru**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2023/10/04/justica-anula-sentenca-que-condenou-e-tirou-direitos-politicos-do-cacique-marquinhos-xucuru.ghtml>>. Acesso em: 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População de Pesqueira/PE no último censo**: IBGE, Censo Demográfico, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Unidade territorial de Pesqueira/PE**: IBGE, Área territorial, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Bioma da Cidade de Pesqueira/PE**: IBGE, Território e Ambiente, 2019.

KAWAKAMI, Érica. **Currículo, ruídos e contestações**: os povos indígenas na universidade. Revista Brasileira de Educação v. 24 e240006. 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACCALI, ET AL (2014). **O MÉTODO HISTÓRIA DE VIDA: DESVENDANDO A SUBJETIVIDADE DO INDIVÍDUO NO ESTUDO DAS ORGANIZAÇÕES**. ADMINISTRAÇÃO: ENSINO E PESQUISA RIO DE JANEIRO V. 15 No 3 P. 439–468 JUL AGO SET 2014.

MAIA, Bruna; MELO, Vico. **A colonialidade do poder e suas subjetividades**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 15 n. 2 Julho. 2020.

MENESES, Maria Paula (2009), «**Justiça Cognitiva**», in: Antônio Cattani, Jean Louis Laville, Luiz Inácio Gaiger e Pedro Hespanha (orgs.), Dicionário Internacional da Outra Economia. Coimbra: Almedina, 231-236.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIRANDA, Ana Maria. Conheça a história do Cacique Marcos, da tribo Xucuru, eleito prefeito de Pesqueira: Ele é líder da tribo indígena Xucuru. Recife, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://interior.ne10.uol.com.br/noticias/2020/11/19/conheca-a-historia-do-cacique-marcos-da-tribo-xucuru-eleito-prefeito-de-pesqueira-199057/index.html>. Acesso em: 7 nov. 2022.

MORAES, Germana. O CONSTITUCIONALISMO ECOCÊNTRICO NA AMÉRICA LATINA, O BEM VIVER E A NOVA VISÃO DAS ÁGUAS. R. Fac. Dir., Fortaleza, v. 34, n. 1, p. 123-155, jan./jun. 2013.

NEVES, Rita de Cássia M e FIALHO, Vânia. XUKURU. Povos Indígenas em Pernambuco. Verbete. Atualizado em 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xukuru#Notas_sobre_as_fontes. Acesso em 2023.

N10 Interior (2020). **TRE indefere candidatura de Cacique à prefeitura de Pesqueira**. Disponível em: <<https://interior.ne10.uol.com.br/eleicoes-2020/2020/11/05/tre-indefere-candidatura-de-cacique-a-prefeitura-de-pesqueira-198141>>. Acesso em 2024.

OLIVEIRA, I. (2012). **Cultura e Interculturalidade na Educação Popular de Paulo Freire**. EccoS – Revista Científica, Belém – PA, 0(25), 109-124. doi: 10.5585/eccos.n25.3219.

OLIVEIRA, Maria. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS/NAS ESCOLAS XUKURU: encontros com a pedagogia decolonial na comunidade-escola. UFPE. Caruaru, 2021.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Fórum Social Mundial"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/forum-social-mundial.htm>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

PEREIRA, Lígia. **Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias**. Programa de História Oral do Centro de Estudos Mineiros da FAFICH/UFMG. HISTÓRIA ORAL, 3, 2000, p. 117-27. 2000.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires. 2005.

RAMOS, N. (2007). **Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação. Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos**. Revista Portuguesa de Pedagogia, [S. l.], n. 41-3, p. p. 223-244. DOI: 10.14195/1647-8614_41-3_11.

ROMANI, S.; RAJOBAC, R. **Por que debater sobre interculturalidade é importante para a educação?** Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 127, p. 65-70, 8 set. 2011.

SANTOS, Boaventura de S. Um conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

SANTOS, Boaventura. **Para Além do Pensamento Abissal**: das linhas globais a uma ecologia de saberes. Novos estudos. CEBRAP. São Paulo. Novembro de 2007.

SANTOS, Boaventura. **A Gramática do Tempo**: para uma nova cultura política. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008 (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

SILVA, Edson; BARROS, Isabela. **Povo Indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos**. Rev. Direito e Práxis., Rio de Janeiro, Vol. 13, N. 01, 2022, p.395-423, 2022.

SILVA, Edson. **POVO XUKURU DO ORORUBÁ**. 2018. Disponível em: <<https://osbrasis.trgbr.com/wp-content/uploads/2018/04/POVO-XUKURU-DO-ORORUB%C3%81.pdf>>. Acesso em, 2023.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Rev Esc Enferm USP 2003; 37(2): 119-26. 2003.

TALAMONI, ACB. **O programa da descrição densa**. In: Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]. São Paulo: Editora UNESP, pp. 53-66. 2014.

TENÓRIO, Bárbara; SANTANA, Moisés. **Da aldeia para a universidade: das políticas de ações afirmativas aos programas de incentivo à permanência**

**dos/das estudantes indígenas dos cursos superiores do IFPE campus
pesqueira.** Anais VI CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2019.

UNICAP - Universidade Católica de Pernambuco. **Xucuru**. Disponível em:
<https://www1.unicap.br/observatorio2/?page_id=226>. Acesso em, 2023.

VALENÇA, Marcos Moraes. **ECOLOGIA DE SABERES E JUSTIÇA COGNITIVA: O
Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Universidade
Pública Brasileira: um caso de tradução?**. Tese de Doutorado. Coimbra. 2014.